

BRASIL-PORTUGAL

16 DE JANEIRO DE 1901

N.º 48

General Visconde de Serpa Pinto



Fallecido em 27 de Dezembro de 1900

Desde muito novo a Africa exerceu sobre Serpa Pinto uma atracção instinctiva. Dir-se-hia que nas veias lhe corria o sangue d'esses audazes aventureiros dos seculos xv e xvi, que, affrontando as iras do mar tenebroso e os pavores das lendas medievas, inscreveram com letras indeleveis na historia de Portugal essa deslumbrante epopeia dos nossos descobrimentos coloniaes.

Na idade de 23 annos, Serpa Pinto, simples alferes do exercito, alista-se voluntariamente na expedição enviada á Zambesia em 1868 para combater o Bonga, esse terrivel regulo que tantos desaires causou ao nome portuguez.

E nem o exito infeliz d'essa malograda expedição, nem as privações e as torturas que soffreu no sertão africano, lhe entibiarão o animo ou lhe arrefeceram o enthusiasmo para novos commettimentos n'essa Africa, que continuava a ser a preocupação constante dos seus sonhos do porvir.

Voltar a esse continente, então na maior parte mysterioso, devassar-lhe os segredos, levar o nome portuguez a regiões nunca d'antes percorridas por homens civilizados: tal era a idea fixa e dominante, a verdadeira obsessão que por completo absorvia o espirito do joven official.

Parecia que, por uma antevidência prophetica do futuro, elle avis-tava a longe, scintillando sobre o continente africano, a sua estrella a illuminar-lhe o nome de um brilho immorredouro.

A iniciativa illustrada de Andrade Corvo veio proporcionar a Serpa Pinto o ensejo de realizar as suas aspirações. Com Capello e Ivens parte na expedição scientifica enviada á Africa em 1877 por aquelle distincto estadista.

Dentro em pouco a expedição divide-se: e Serpa Pinto resolve empreheender, sob sua exclusiva direcção, uma travessia audaciosa. Interna-se no sertão africano, e mezes e mezes decorrem sem que se saiba se é vivo ou morto o ousado explorador.

Entretanto na Europa a corrente civilizadora, que começava a fazer do continente africano o seu campo de exploração, não contava Portugal como auxiliar, mas como inimigo.

As nossas descobertas ao longo da costa e no interior da Africa, nos seculos xv e xvi, quasi tinham cahido no esquecimento para as gerações contemporaneas. E uma opinião injusta, mas arregaçada em algumas chancellarias, e então reforçada pelo testemunho de exploradores recém-chegados do continente africano, accusava a acção de Portugal em Africa como em grande parte subordinada á exploração do trafico da escravatura.

Protestavam embora os nossos estadistas e os nossos diplomatas contra tão injustas apreciações. Redigiam-se memorias e notas para demonstrarem os serviços que tinhamos prestado á civilização africana.

Tudo era embalde, que a corrente de descredito, impulsionada

pelos que ambicionavam territórios a que nos julgávamos com direito, cada vez se avolumava mais contra nós.

Mas um dia o telegrapho transmitte-nos da Africa um nome portuguez, um nome na vespera quasi desconhecido e desde logo aureolado pela fama de uma travessia extraordinaria.

Era o nome de Serpa Pinto que echoava na Europa e na America como o mais vivo protesto de Portugal contra as injustiças de que estava sendo victima, como a mais solemne affirmação de que n'este canto da Europa occidental existia ainda uma nação, com um passado glorioso, que se interessava pela civilização do continente africano.

E os soberanos e os sabios, e as associações scientificas da Europa, ao receberem-n'o pouco depois com as mais significativas demonstrações de apreço, festejavam em Serpa Pinto o homem que se collocara a par dos Livingstons, dos Stanleys, dos Camerons; mas na pessoa do valente explorador era sobretudo Portugal o glorificado, era a historia dos nossos descobrimentos, a prioridade da nossa exploração africana, que era repetida, espalhada, divulgada pela imprensa do mundo civilizado, não como a historia dos feitos de uma geração extincta, mas como a epopeia de uma raça, que no heroe do dia demonstrava o proposito de reatar a serie interrompida dos seus gloriosos descobrimentos de outrora.

Foi este, principalmente, o serviço enorme, incommensuravel, que Serpa Pinto prestou ao seu paiz com a sua audaciosa travessia.

Outros nomes tambem gloriosos se inscreveram mais tarde na historia das nossas explorações africanas. Capello, Ivens, Cardoso, Paiva de Andrade, Azevedo Coutinho, e tantos outros, honrando-se a si, honraram o nome portuguez.

Poderiam uns ter sido mais minuciosos nas suas investigações scientificas, poderiam outros ter subministrado a sciencia geographica mais largo contingente para o preenchimento do mappa africano. Não desejo estabelecer confrontos, nem discutir preeminencias; mas, sem offensa para ninguém, é-me licito registar este facto que supponho incontestavel.

A expedição de Serpa Pinto, talvez por ser a primeira de um povo que parecia adormecido ha mais de tres seculos para as grandes descobertas, teve na Europa e na America uma resonancia preponderante, e para Portugal effeitos politicos de tal ordem, que se traduziram em apreciaveis vantagens moraes e materiaes.

Desde então se ficou sabendo que, para a divisão do continente africano, era necessario contar com a nação portugueza.

E para mostrar que me não cega, n'esta minha apreciação, a amizade e o enthusiasmo que tributei ao valente explorador, basta referir que de entre os seus contemporaneos, não só de Portugal, mas de toda a Peninsula Iberica, Serpa Pinto foi o unico honrado com a invejavel distincção de ver o seu nome inscripto, ao lado dos quarenta immortaes da Academia Franceza, na secção das sciencias do Instituto de França.

Depois de uma curta expedição ao Nyassa, interrompida pela doença, Serpa Pinto em 1889 volta de novo á Africa; mas então a sua acção salienta-se menos como explorador scientifico do que como chefe militar.

Appellaram para o seu patriotismo e elle acceita sem hesitar uma missão cheia de perigos e de responsabilidades.

Está ainda por fazer a historia d'essa expedição memoravel. Quando tudo se souber, rectificar-se-hão injustiças de que foi victima o notavel explorador.

Houve por certo um momento em que Serpa Pinto pensou, como Francisco I em Pavia, que, se tudo estava perdido, devia ao menos salvar-se a honra. Mas não tomou só sobre si a responsabilidade de iniciativas aventureiras.

Serpa Pinto só avançou quando se julgou autorizado a fazel-o. O avançar era caminhar para a lucta. Encarou o perigo de frente, luctou e venceu.

Tivemos de recuar mais tarde perante a imminencia de um con-

flicto internacional, como, em circumstancias identicas, o fez nos nossos dias uma nação de não menos levantados brios, mas bem mais poderosa do que a nossa.

Mas recuámos depois de uma victoria, que encheu de jubilo a alma nacional.

Ilude-se quem pensar que, se mais pusillanime tivesse sido o nosso procedimento, mais facilmente saciáveis teriam sido as cobiças que de todos os lados nos cercavam.

O instincto do povo tem ás vezes a clara percepção dos acontecimentos; e o instincto do povo portuguez dizia-lhe que Serpa Pinto salvara com a sua victoria a honra da nação.

A sua popularidade foi então extraordinaria. O seu nome repetido e aclamado de um a outro extremo do paiz é inscripto nas ruas e nas praças das mais notaveis cidades como das mais modestas aldeias.

Se n'esse momento o tentasse o papel de agitador politico, talvez nunca revolucionario algum tivesse arrastado atrás de si turbas mais entusiastas nem mais fanatizadas.

Foi outro o caminho que o seu patriotismo lhe apontou. Longe de procurar explorar as paixões politicas, elle, o idolo das multidões, sacrificia a sua popularidade ao que a sua consciencia lhe dizia ser o cumprimento de um dever.

E o homem, que tanto ruido fizera em volta do seu nome, que tanto ambicionara a fama e a gloria, procura voluntariamente fazer-se esquecer, n'uma meia obscuridade, n'uma relativa quietação, a que aliás o convidavam as exigencias da sua saude deteriorada; porque essa Africa, que tanto o elevava moralmente, tinha-lhe minado e abatido as forças phisicas.

Não eram porem decorridos ainda muitos annos e já a nostalgia do continente africano o perseguia de novo.

E, dura lição das cousas d'este mundo! Serpa Pinto, que tanto engrandecera o prestigio da sua patria, que tantas provas tinha dado do seu talento e do seu valor, só com difficuldade consegue um mo desto governo ultramarino.

Das injustiças dos homens se vingou elle, demonstrando mais uma vez as multiplices aptidões do seu espirito privilegiado. O intrepido explorador de outrora, o guerreiro audacioso e feliz de mais tarde, transforma-se no administrador consummado. A sua administração como governador geral de Cabo Verde é, no parecer de amigos e adversarios, das mais notaveis que aquella colonia tem tido.

Foi este o seu ultimo esforço, que elle, que sempre encontrara a victoria no seu caminho, não poudo vencer os germes da doença que lhe minavam o organismo.

Regressando á metropole, os ultimos mezes da sua existencia representam uma lucta constante entre a vida e a morte, lucta titanica em que a sua vontade indomavel consegue por vezes, zombando das previsões da sciencia, fazer renascer esperanças, que infelizmente eram passageiras.

E era vel-o então, no remanso do lar domestico, cercado dos cuidados e dos carinhos de uma familia que o estremeia, no convívio de amigos dedicados, como a todos elle prendia longo tempo, junto do leito ou da sua cadeira de doente, pelo encanto da sua attraente conversação. E' que o seu espirito, cheio de vida, parecia recusar-se a deixar esta terra, que elle tanto amara e tanto ajudara a enaltecer.

Luctou até ao fim. A morte foi um alívio no seu longo padecer.

MORAES DE CARVALHO.

As eloquentes palavras que acabam de ser lidas, a respeito de Serpa Pinto, fazem parte do brilhantissimo discurso pronunciado pelo sr. conde theiro Moraes de Carvalho na Camara dos Dignos Pares do Rio de Janeiro.

Foi tão bello esse discurso, com tal elevação o illustre parlamentar prestou homenagem á memoria do grande morto que o Brasil-Portugal entendeu que, melhor do que qualquer artigo, estavam indicadas para acompanhar o retrato de Serpa Pinto as palavras do sr. Moraes de Carvalho.





A mulher nos dramas de Ibsen

NENHUM auctor dramático do século findo distribuiu em suas obras tão ponderosos papeis aos personagens femininos como o genial dramaturgo escandinavo. Ibsen parece até, por vezes, comprazer-se em amesquinhar o homem collocando-o em confronto deprimente com o sexo fragil.

Na grande maioria, para não dizer em todas as produções dramaticas, é um personagem masculino quem defende a these e formula as doutrinas do auctor. Ibsen reparte esse encargo, quando o não confia exclusivamente á mulher, escolhendo-a para seu interprete.

Veja-se por exemplo em *Samfundets Støtter* ⁽¹⁾ o papel preponderante de Lona (Mathilde) Hessel.

Ao lado d'este caracter de finissimo toque, modelo de energia masculina, de abnegação e de carinho, como nos parece pequenino o consil Bernick, o poderoso magnate, o cidadão prestante venerado como um semi-deus, reputado a alma da sociedade e do torção em que vive! Esse potentado d'hontem treme hoje submisso ante o olhar inquiridor d'uma mulher, e afunda-se a pouco e pouco até desapparecer no lodo das mais torpes machinações; é ella porém, sempre nobre e generosa quem o arranca do atoleiro da mentira; é ella, quem o purifica e lhe abre novo caminho livre dos abrolhos cruciantes do passado.

Comparem-se, no mesmo drama, Betty e Martha Bernick, — esses corações femininos feitos de dedicações e resignação como

Aline Solness e Kaja Fosli ⁽²⁾, — comparem-se com Hilmar Toeniesen e Roerlund!

Em *Vildanden* ⁽³⁾, Hedvig, uma creança, e Gina Ekdal apesar do seu limitado entendimento, elevam-se muito acima de quasi todos os caracteres masculinos que cooperam na estrutura do drama.

Até invisíveis, como Beata, a fallecida consorte de Rosmer, em *Rosmersholm*, se impõem á nossa admiração as mulheres do theatro de Ibsen.

Raras, rarissimas serão as produções da moderna litteratura

dramatica onde nos enternecem e extasiem corações de mulher semelhantes aos que pulsam no peito de Margretha ⁽⁴⁾, de Solveig ⁽⁵⁾, de Agnes ⁽⁶⁾, de Margit ⁽⁷⁾, para nomear as mais notaveis.

Outras exercem na vontade e no destino do homem um poder dominador que o avassalla como Rita no *Lille Eyolf* ⁽⁸⁾, Hilde Wangel no *Bygmester Solness*, ou Rebecca West em *Rosmersholm*.

Eilert Loevborg ⁽⁹⁾ esterilizou-se, degradou-se com a separação de Thea Elvsted; o estatuario Rubeck ⁽¹⁰⁾ morreu para a sua arte quando desamparado de Irene.

Não ha mister, porém, procurar em caracteres mais amplamente desenvolvidos typos femininos captivantes de ingenuidade, cofres de sentimentos bons, de qualidades sublimas; Hilde e Bolette não se inaniuam em nosso animo menos fundamente do que Ellida, a protagonista do drama ⁽¹¹⁾ [Quanto nos é sympathi-



Gabriella Réjane

ca a Selma de *De unges Forbund* (12), o primeiro esboço da Nora, a figura dominante de *Et dukkehjem*! (13)

Ibsen quer demonstrar ao homem o quanto lhe seria profícua a liberdade da mulher a que insensatamente oppõe tenaz obstáculo. Quando em *A dama do mar* o marido deixa Ellida entregue ao seu arbitrio, a hesitação que a impellia para o homem estranho desaparece, como por encanto, a favor do esposo.

Sim: a creatura deve primeiro entrar na posse absoluta de si própria para depois poder entregar-se a outrem. E' a luz d'esta verdade que, na opinião de Ibsen deve ser encarado o casamento, tão somente feliz e proveitoso ao homem e á sociedade quando representa o estreitamento de duas vontades livres, consciências, a união altruista de creaturas des-envolvidas physica e moralmente e conhecendo-se a si proprias e mutuamente, o enlace de dois corações, de duas almas em perfeita communidade de aspirações desinteressadas e de ideaes puros. Tal é a summa da lição que recebemos de Helena Alving (14) e de Nora Helmer.

Da vasta galeria de adoráveis figuras femininas exhibida nos dramas de Ibsen, uma acima de todas tem merecido aturado estudo e predilecto cultivo em mãos das celebridades dos palcos europeus: a Nora de *Uma casa de bonecas*. Tres artistas, de nacionalidades diferentes mas de igual envergadura, correm mundo asombrando as platéas com a reprodução d'aquelle complexo e fascinante personagem: a Duse, a Réjane e Agnes Sorma.

Uma Nora perfeita, a *cotovia* que chilreia e jogue as escondidas irmanando-se com as creancinhas, que danse a tarantela vertiginosa rubricada pelo auctor e desempenhe cabalmente o ultimo acto, requer dons tão excepçoes que difficilmente se encontram reunidos em uma só creatura.



Ibsen
Auctor da Casa de Bonecas

Como o *Hamlet*, e outros caracteres problematicos arrastados para a scena por dramaturgos geniaes, a Nora de Ibsen em poder de sumidades na arte de representar, offerece margem para infindas variantes na individuação das multiplices phasas que nos apresenta aquella alma de mulher, sujeitada em poucas horas á mais radical transformação.

Assim, as *Noras* das tres celebridades citadas, comquanto irmãs na essencia, renegam do parentesco em muitos pormenores de interpretação.

Na reprodução de Agnes Sorma predomina a feminidade. A sua revolta não exclue uma reconciliação futura muito provavel.

A Nora da Duse é intransigente. No rosto da actriz italiana o desdem, a descrença gelida que succedem ao amor extático, á creença ardente de fanático, são desenhados no esboço d'um sorriso estranho que descobre, mais horrendo do que a palavra, a immensidade do abismo de subito cavado entre os esposos, sem esperança de ser jamais transposto. E' tal a transparencia da expressão physiologica, que presenciamos claramente o drama que se desenrola no mais recondito d'aquelle alma, despertada d'um sonho ridente para defrontar attenta com a contristadora realidade.

A concepção mais levantada d'este personagem é por certo a da Duse. A da Réjane é em extremo subjectiva.

Enquanto *cotovia* e *esquilo*, enquanto *boneca*, brincando com os

pequenos e dansando a tarantela, — que a Duse suprime — é imitavel na frivolidade, na graça infantil natural e viva, é encantadora nas caricias ingenuas de um coração amante leve de pezares. Quantas vezes não teria ella jogado as escondidas com os seus adorados Henri e Germaine, — *mes plus charmantes créations*, como ás vezes lhe ouvem os intimos em gracejo de máe extremosa?

A Réjane, — á parte excepções de pouca monta, — esculpizava tambem em respeitar a integridade da obra e do papel, que a Duse mutila com indisculpavel irreverencia.

Quando porém, em logar do anciado prodigio, tomba derruido o castello de illusões doiradas em que Nora acalentára a phantasia, n'uma cegueira tão doce quanto era agora amargo o desengano; quando, frente a frente com o esposo, procede ao ajuste de contas com elle, ou, se preferem, com a sociedade; quando, enfim, abandona para sempre o lar conjugal, recusando-se a permanecer uma só noite sob o mesmo tecto com um *estranho de quem*, — *ô horror!* — *houvera tres filhos*; Eleonora Duse leva de vencia a interprete franceza.

Extasiam-nos sem duvida as creações d'esses tres luminaires da arte scenica; cada uma d'ellas, porem, apresenta lacunas que só podem ser preenchidas pelas outras duas.

A Nora que pairava na imaginação de Ibsen quando concebia tão extraordinario personagem, ainda não viu a luz da rampa. Só o concurso d'aquellas tres individualidades reunidas n'um só vulto artistico logaria actualmente realizar o ideal do grande mestre escandivano.

FREITAS BRANCO.

(12) *Os cativos da sociedade*. (13) *O gato branco*. (14) *No Byggester Solness*. (O construtor Solness). (15) *Em Konge-Emerne*, que se tem traduzido com acerto: *Os pretendentes á coroa*, mas que littoralmente significa: *a materia da que se fazem reis*. (16) *No Per Gynt*. (17) *No admiravel poema trágico Brand*. (18) *No drama romantico da primeira maneira de Ibsen: Gildet paa Solhaug* (A festa em Solhaug). (19) *O pequeno Egolf*. (20) *Na Hedda Gabler*. (21) *Na obra mais recente de Ibsen: Naar ei døds eventyr* (Quando nós mortos despertamos). (22) *Fruen fra havet* (A dama do mar). (23) *A sign da sociedade*. (24) *Uma casa de bonecas*. (25) *Em Gengangere* (Os espectros).

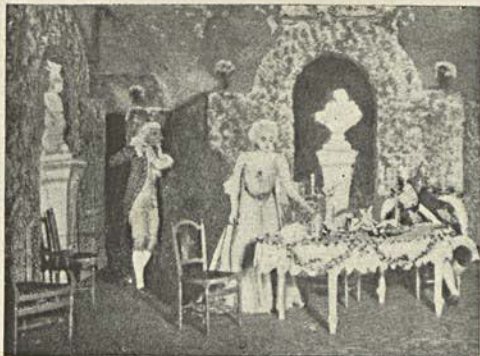


Réjane e seus filhos
Ha oito annos



Réjane e sua filha

Photographia expressamente tirada para o Brasil-Portugal



Sylvia — Acto I, scena XI

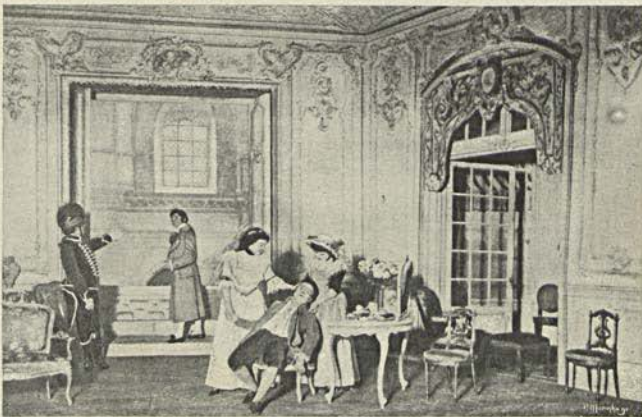
these não passam despercebidas d'esses mesmos moralistas!

O que é um facto é que a comedia de Hermant é uma delicia de paineis que surgem aos nossos olhos, representando essa diversidade de epochas que n'uma mesma epocha se tornaram celebres!

No primeiro acto da Sylvia, encontramos-nos em plena revolução, poucos minutos depois da tomada da Bastilha, e logo no segundo acto nos encontramos em face d'essa outra revolução que espelha já os heroeas da vespéra e transforma os ideaes politicos de liberdade em jacobinismo desvairado e triumphante, até que no terceiro acto, Napoleão vencedor, transforma a França, da cabeça aos pés, em politica, em administração, em costumes e em modas. Essa transformação é completa na historia, não o é menos na comedia de Hermant. Aquelles marchas que o publico conheceu como o celebre protagonista de Victor Hugo *nas na pied divin*, estão agora no galarim, são elles que dão as leis, e no entanto basta o espirito de uma mulher intelligente para os enganar e o que é peor, ridiculisa-os.

Henrique, o irmão colaco de Sylvia atravessa toda a peça, preso do seu amor, atraz d'aquella que elle jurára ao seu proprio coração possuir um dia. Tardou mas arrecadou, para usar de um proverbio portuguez.

Ha em toda a comedia scenas verdadeiramente deliciosas. A do primeiro acto



Sylvia — Acto II, scena IX



Sylvia — Acto III, scena V

Sylvia

A PEÇA

Foi com a original comedia de Abel Hermant, representada ha dois mezes apenas, pela primeira vez em Paris, que Madame Réjane se despediu de nós, ha dois dias. Que delicia de interpretação ella deu ao personagem extravagante de Sylvia, que exuberancia e finura de ironia, de graça e de encanto lhe imprimiu a esse typo extravagante do *Curioso de Amor*, lançada pelo espirito do auctor em plena revolução de 1789 e apresentada vinte annos depois, mulher de tres maridos, amando apenas o seu irmão de leite, companheiro da sua infancia desculhada, o unico que ella amara!

A peça teve grande exito em Paris, e no theatro D. Amelia em exito não lhe foi inferior, mas uma nota moralista appareceu a offuscar um pouco esse successo. Com razão? Sem ella? Não o saberemos dizer. A moralidade do theatro depende mais do espectador, do que da scena que se representa. Tudo é relativo. Em frente de um publico propenso a malsinar tudo, é claro que as peripecias mais extravagantes são logo alteradas na sua significação, e no entanto quantas escabrosidades em dramas de

entre Sylvia e o primeiro marido quando ella volta rasgada, quasi despedida pela turba revolucionaria em companhia do joven Henrique, é verdadeiramente adoravel. Não é menos empolgante a do 2.º acto, quando o feitor a arrasta á *mairie* fugida da turba que a ameaça, e ella se vê pela força das circumstancias obrigada a escapar de novo é paixão do seu companheiro de infancia. E no terceiro acto, quando Sylvia se sente dominar pelo seu amor, vê surgir de repente o seu terceiro marido! Que scenas admiravelmente representadas por Madame Réjane? Que finura de comprehensão, que delicia de sentir! O espectador é arrastado por essa Sylvia até que o acaso, no ultimo acto, deparando-a n'uma hospedaria em Veneza, com os dois primeiros maridos, se lembra de accordo com o terceiro, marechal de França, ignorante de todo o seu passado — de os intrigar, de os accordar á reminiscencia d'esses *ménages* que não voltam.

Finalmente a scena ultima, verdadeira *trombic* faceta em que o auctor colloca frente a frente os dois eternos enamorados, elle, o joven Henrique de outros tempos, apaixonado, ardente e ella, a Sylvia, cuciosa de amor, escapa já ao terceiro marido, d'esta vez

senhora de si para se entregar ao unico que adora, ao passo que ao ouvido do espectador se repercuta o signal convenconado por ella, com os maridos antigos, que a chamam, avidos dos encantos do seu espirito finamente subtil de mulher coquette.

Será immoral a peça? Talvez, segundo o prisma como se encare as comédias que divertem e fazem rir, como essa. O que ella é, é muito original e muito engraçada. Essa Sylvia é a caricatura de muitas outras que appareceram no primeiro plano da grande tela a que se chamou o Imperio. Especie de madame Sans-Gêne, de principios mais finos, encerra em si toda uma epocha historica, e sob este ponto, a comedia é um verdadeiro encanto á vista.

Mise-en-scene, costumes, guarda-roupa, tudo isso é primoroso, e ao ver Madame Réjane n'esses quadros antigos que constituem as principaes scenas da peça de Hermant, e que o leitor do *Brasil-Portugal* admira hoje ao longo d'estas paginas, sentimo-nos recuar umas poucas d'epochas e encontramos-nos desvaídos pela preponderancia de Bonaparte!



Sylvia — Acto IV, scena V

O VINHO

O musgo mais sedoso, a uanca mais leve
Trouxe de longe o alegre passarinho,
E um dia inteiro ao sol paciente esteve
Com o destro bico a architectar o ninho,

Da paina as vagas flaccas côr de neve
Colhe e por dentro o alfombra com carinho;!
E armado, prompto emfim, suspenso em breve
Eil-o ba'ança á beira do caninho,

E a ave sobre elle as azas multicôres
Estende a sanha, sanha que o aureo nollen
E o nectar chupa ás mais brilhantes flores...

Sanha... Porém de subito a violento
Abalo accorda. Em tórno os ramos bolem...
E o vento. E o ninho lhe arrebatou o vento.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

OS MORTOS



Pedro Ignacio Lopes

Fallecido em 22 de dezembro de 1900

Foi horrivel a doenca que o matou, e, n'essa agonia lenta de todos os dias, o conselheiro Pedro Ignacio Lopes, encarou a morte com a coragem dos que bem mereceram em vida as sympathias dos que o conheceram.

Formado em Coimbra, partiu em 1860 para Paris a cursar engenharia na Escola de Pontes e Calçadas, e ali foi um dos melhores classificados. Teve como condiscipulos muitos engenheiros distinctos como os srs. Pires de Sousa Gomes, Mendes Guerreiro e Affonso Espregueira, e todos estes tiveram como collega o mallogrado Sadi Carnot, ex-presidente da republica franceza. Sempre que ia a Paris, Pedro Ignacio Lopes visitava no Elyseu o seu antigo condiscipulo, que fôra tambem um seu intimo amigo.

Muitas commissões importantes desempenhou durante a sua carreira de engenheiro. A ponte Maria Pia sobre o Douro foi construida sob a sua inspecção, e o inicio do desenvolvimento recente das linhas do sul e sueste, deu-se na sua gerencia.

Era um homem alegre, de bom humor, delicado. O cancro queo matou envenenou-lhe os ultimos dias da existencia.



Sylvia — Acto IV, scena VII

SYLVIA

ACTO IV — SCENA V

O marechal, Sylvia, o marquez, Nicolau, os creados que servem à mesa

(Um silêncio)

O MARECHAL — Quer jantar com a mascara na cara? Tire-a.

SYLVIA — Não, não tiro.

O MARECHAL — Que fantasia!

Estámos no carnaval e quero intrigar. Ainda hoje em todo o dia não intriguei pessoa alguma.

O MARECHAL — Ah! Ah! Intriguei!... E quem?

SYLVIA — Parece-me que não tenho muito por onde escolher: os nossos dois vizinhos.

O MARECHAL — Não os conhece.

SYLVIA — Sabe lá...

O MARECHAL — E' para intrigar que dis isso?

SYLVIA — Sem dúvida.

O MARECHAL — Se os conhece, apresente-me então. Isso é conveniente, visto que sou seu marido.

SYLVIA — Isso é mais conveniente do que imagina, e não deixarei de o fazer. Antes, porém, vou fazer-lhes uma pergunta. Meus senhores, conhecem-se?

O MARQUEZ (com grande delicadeza) — Não, minha senhora, não tenho a honra de conhecer este senhor.

NICOLAU (respeitado) — Nem eu.

O MARQUEZ — Não é, no entanto, a primeira vez que o acaso nos reuniu a esta mesa. Julgo que chegado a Veneza e a esta hospedaria ao mesmo tempo, ha tres dias. Mas acabo agora mesmo de observar que este senhor e eu somos compatriotas.

SYLVIA — Compatriotas?... Sois ainda melhor do que isso.

NICOLAU — Como!

SYLVIA — Temo uma especie de parentesco por alliança.

NICOLAU — Ah!

O MARQUEZ — Ah! Mas... tenho n'isso muita honra.

NICOLAU (inclinando-se) — Também eu.

SYLVIA (rindo) — Qual dos dois? Agora, é preciso que vos apresente a meu marido.

O MARECHAL — De certo.

SYLVIA — Que é marechal de França e da primeira nobreza imperial. Não lhes digo o seu nome, porque então não haveria n'isso intriga, e háo de me jurar primicias que os seus não serão tão pouco pronunciados.

O MARQUEZ — Juro-o, minha senhora.

NICOLAU — Juro, senhora.

SYLVIA (à parte) — Ouff... (ao marechal) Dê-me de beber, peço-lhe. Esse bello vinho d'Assi não me desagrada.

O MARECHAL — Estes pomboes estão deveras bons.

O MARQUEZ — Aconselho-o a ficar-se n'elles, sr. marechal: é o unico prato conviêl. Eu, deierei o meu, e acabei.

SYLVIA — Não se retire, ao menos, porque ia fazer agora a sua apresentação.

O MARQUEZ — Ficarei aqui a vel-a jantar, minha senhora, enquanto isso lhe der prazer.

SYLVIA (empurrando o prato) — Não, tenho apenas sede.

O MARECHAL — Então, estou aucto por conhecer este senhor.

SYLVIA — Espere, estou pensando n'isso. (Encara o marquez para lhe estudar a phisionomia) Este senhor... é de tanta nobreza...

O MARQUEZ — Sou.

SYLVIA — E da mais antiga... E' um homem... delicado...

O MARQUEZ — Oh!

SYLVIA — Um pouco prevertido...

O MARQUEZ — Eh!...

SYLVIA — Muito gasto... Era quasi velho na sua primeira mocidade.

O MARQUEZ — Ah! Isso não!

SYLVIA — Não me interrompa, peço-lhe... (Dá um tom affirmativo) Era quasi velho na sua primeira mocidade... Mas tem ar de ter ficado incrivelmente novo na idade madura, pelo que o felicito.

O MARQUEZ — Ora ainda bem.

SYLVIA (dirigindo-se de novo ao marechal) — Não approvou a revolução franceza...

O MARECHAL — Poderá!

SYLVIA — Oh! não foi porque tivesse principios contrarios muito firmes; mas isso não estava nos seus gostos nem na cor do seu espirito. Paria já não tão atractivo aos seus olhos. Emigrou, mas encontrou mais privações que divertimentos. Lastimo-o, mas de certo, isso não prejudicou a sua saúde. Ponde reaparecer em França... (fingindo interrogar-o) no fim do reinado?

O MARQUEZ — Sim.

SYLVIA — Graças á bondade do soberano, retomou posse de uma parte dos seus bens... Não lhe restituiram as terras...

O MARQUEZ — E' verdade... Continuê.

SYLVIA — Não, agora peço-lhe que continue o senhor mesmo. A partir d'este ponto a minha previsão falha-me, e é que quero attribuir a minha reputação dizendo-lhe cousas muito precisas em vez de generalidades.

O MARQUEZ — Não disse uma palavra que não fosse exacta. Com effeito, o soberano em vez de terras, deu-me rendimentos: isso é mais facil de emmalhar e convinha-me... Estava um pouco desgostoso do casamento...

SYLVIA — Depois de certos desgostos que teve?

O MARQUEZ — Exacto... um pouco desgostoso da sociedade do Paris onde não encontrava os meus habitos. Preferia para o futuro o celibato e a liberdade de amar. Vou ao encontro do prazer em toda a parte do mundo onde elle se encontra: vale bem a gente incommodar-se. Sou commodista, e não tenho nada o humor sombrio, como os rapazes de hoje. O meu coração contenta-se com pouco, como o meu estomago. Dizem que tenho tambem pouco cerebro, como um passato; não o nego. Allegro-me, como os parisienses do cem, só com um pouco de sol e um pouco de musica. E' por isso que a Italia é o meu pais predilecto, e vim passar o Carnaval a Veneza.

SYLVIA (encarada) — Ah! como isso é bem dito!

O MARECHAL — Tambem o meu estomago vai contentar-se com pouco, como o seu. Salvo os pomboes, nada ha mais que preste. Aqui tem fígado á veneziana que frescava a alho.

(Empurra o prato)

SYLVIA — Então, isso não é interessante. Passemos ao seu *viá-à-vis*, O MARECHAL — Vámo.

SYLVIA (depois de ter chamado muito tempo para Nicolau que parece muito contrariado) — Este senhor tem as suas origens no povo...

NICOLAU (modestamente) — Sim, senhora...

SYLVIA — Mas nasceu quando as distincções de classes se aboliam a legalidade triumphava, e nós acabavamos de sacrificar os nossos privilegios no altar de Patria. Os mais humildes n'esse tempo levantavam os olhos bem alto. Apostamos que elle fez como os outros. Tinha uma intelligencia pouco vulgar e uma vontade resoluta: desde que só o merito elevava, tinha o direito de pretender tudo.

NICOLAU (confuso) — Minha senhora.

SYLVIA — Mas desconfio que está apaixonado.

O MARECHAL — Ah! ah! seu marido...

SYLVIA — Então, Marechal. Apostamos que se foi ambicioso, não foi apenas da fortuna. Talvez mesmo o seu coração tivesse tido vistas um pouco leucticas.

NICOLAU (muito surprehendido) — E' verdade, minha senhora...

SYLVIA — Arrisco-me muito?... Não, não me arrependo... Supponho que por isso, o amor não lhe sorria, mas que a fortuna fosse mais amavel. Não é verdade?

NICOLAU — Mais verdade que julga. Tinha algum geito para o commercio, e, depois de ter experimentado a agricultura, entrei com bom exito em especulações sobre bens nacionaes. Quando me encontrei com fundos sufficientes, fizei fornecedor dos exercitos. Se não fosse grosseiria insupportavel gabar-se a gente do seu dinheiro, dir-lhe-hia que ganhei muito. Goso d'elle o melhor que posso. Viajo como o nosso nobre conviva, em busca do praser e da despesa. E, para dizer tudo, vim passar a Carnaval a Veneza.

SYLVIA — Então, os meus cumprimentos (ao marechal) Deite-me mais d'esse vinho, embora eu já não saiba lá muito bem o que faço e o que digo.

NICOLAU — Minha senhora, sou eu que lhe dirijo os meus cumprimentos. O meu talento para adivinhar confunde-me. Affirmaria que era bruxa, se pensasse que haveria alguém que o fosse.

O MARQUEZ — Parece-me apenas que ella é phisionomista, mas confesso sem rebuço que as suas apreciações são de uma certeza extraordinaria.

SYLVIA — Phisionomista? Vamos a ver se os senhores o são, e o que julgam de mim.

(Tira a mascara. O marquez e Nicolau reconhecem-a logo, mas não o dizem)

O MARQUEZ (depois de uma pausa) — Ah! minha senhora, não é preciso ser phisionomista, basta ter olhos, para perceber que sois a mais agradável mulher que se pode encontrar.

NICOLAU — E' verdade.

O MARQUEZ — Lamento todos os que a viram apenas uma vez. Não devem desejar outra felicidade que a de tornar a vê-la.

NICOLAU — Com certeza!

O MARQUEZ — Assim, não penso que esta noite nos resignaremos do boa vontade a deixar a sua companhia tão depressa e para sempre. O Carnaval auctorisia muita liberdade. O sr. marechal permitirá que passemos juntos toda a noite, e que gosemos em commun as fontes de divertimento que Veneza pode dar nos.

SYLVIA (levantando-se) — Poderá... Não serei eu quem contrarie essas bruxas amidades que se adquirem no campo de batalha.

SYLVIA (levantando-se, ao ouvido do marquez) — Ha palavras felizes.

(O marquez e Nicolau levantam-se. Nicolau fica um instante a falar com o marechal e o marquez desce com Sylvia)

O MARQUEZ (balco) — Sylvia.

SYLVIA (a meia voz) — Ah! Senhor...

O MARQUEZ — Tinha bastantes censuras a fazer-lhe, mas não tenho vagar. E depois, acaba de falar tão amavelmente de mim!

SYLVIA — Dizia o que penso.

O MARQUEZ — E' surprehendente como vê bem: já não era nada novo quando me conheceu, mas agora ainda o sou menos.

SYLVIA — Oh!...

O MARQUEZ — Conservei maneiras do antigo regimen, e ninguém, ainda hoje, é mais capaz do que eu... de dizer amavelmente... E então?

SYLVIA — Mas... está tomando ares de me pedir... o marquez tem direito a dar-me as suas ordens.

O MARQUEZ — Não.

SYLVIA — Tem tal. Não é ainda o meu marido diante de Deus?

O MARQUEZ — Confesso-lhe que me não lembrava... Não tem menos espirito que d'antes.

SYLVIA — Não. E fiquê certo que vou fazer o possível para perder o marechal nos becos de Veneza. Não percebe uma palavra de italiano. Voltarei direita aqui. Encontrar-me-ha.

O MARQUEZ — O signal?

SYLVIA — Já não toca flauta?

O MARQUEZ (rindo) — Ah! sim.

SYLVIA (vendo os dois aproximarem-se) — Schiu!

(O marquez vai conversar com o marechal e Nicolau fica com Sylvia)

NICOLAU — Sylvia...

SYLVIA — Ah!

NICOLAU — Reconheci-a.

SYLVIA — Vejo isso.

NICOLAU — Já não durmo n'um palheiro, mas fas-me ter pena que se não passe do seu quarto para o meu, fosse ainda mesmo com o risco de a gente chatear-se um pouco.

SYLVIA (afastando-se um pouco) — Ah! não. (à parte) Em verdade, não estou muito comprometida com o marquez...

NICOLAU (agradando-a) — Sylvia!

SYLVIA — Schiu!... Arranje-se como puder, e esteja aqui... dentro... em duas horas.

NICOLAU — Ah!...

O MARECHAL — Bahinho ou não?

SYLVIA — Vámo. (Dirigem-se para a porta. Um pouco atrás, à parte) Onde está o mal de refazer n'uma noite o que legitimamente pode fazer em vinte horas?

O MARQUEZ — Vámo! (Saem todos)



Colhendo amoras

Desenho de Roque Gameiro, feito expressamente, a convite da Empresa do BRASIL-PORUGAL
para o seu *Almanach Ilustrado para 1901*

PORTUGAL E A HOLLANDA

Não tendo a importância que uma parte da imprensa estrangeira se compraz em lhe attribuir, o conflicto existente entre a Hollanda e Portugal, por motivo da questão Pott, não deixa todavia de ser uma nota desagradavel. E tanto assim é que, sem receio de errar, e mesmo sem recorrer a informações de caracter confidencial, que as chancellarias se recusariam a fornecer, pode-se afirmar que ambos os governos interessados nutrem na presente occasião o desejo de restabelecer a sua anterior cordialidade de relações, um e outro procurando meios de caminharem para esse resultado. Toda a difficuldade de rapidamente se accordar sobre uma formula conciliatoria consiste precisamente em se encontrarem fóra dos seus logares o ministro de Portugal na Haya, conde de Selir, e o ministro da Hollanda em Lisboa, mr. de Weede, diplomatas que, tendo sabido conquistar uma alta posição nas cortes junto de que estão acreditados, com a sua influencia pessoal e com as sympathias que o incidente lhes não fez perder, sem custo levariam a bom termo uma negociação em tal sentido. A retirada do *exequatur* ao consul hollandez em Lourenço Marques é facto consummado, sobre que não pode haver reconsideração. E é certo que o sr. Pott não tem capacidade para bem desempenhar esse cargo — elle se encarregou de demonstrar o contrario d'isso. E tio depressa o governo hollandez faça indicação de outro nome, é seguro que o de Portugal se apressará a manifestar a sua prompta acquiescencia.



O CONSUL GERARDO POTT

A resposta de mr. de Beaufort, ministro dos estrangeiros de Hollanda, á interpegação que lhe foi dirigida na camara neerlandeza, é indício certo de duas coisas: primeira, que o governo hollandez, com a sua recusa a transferir immediatamente o sr. Pott, não pretendia desconhecer os direitos de Portugal, que se absteve de susceptibilizar na sua resposta ao deputado interpellante; segunda, que não é do lado do governo hollandez que se encontra a razão, pois, se assim fosse, não seria omissa a exposição de mr. de Beaufort, precisamente nos pontos que justificavam o procedimento um quasi nada vivo do governo portuguez. Effectivamente mr. de Beaufort absteve-se de referir as delongas com que foram respondidas as solicitações do governo portuguez, representado pelo sr. conselheiro João Arroyo, para que fossem retiradas das mãos compromettedoras do sr. Pott as funções consulares da Hollanda em Lourenço Marques. Absteve-se de dizer que algumas propostas conciliadoras ficaram por accusar. Absteve-se de informar que, já quando a controversia estava por demais alongada para poder continuar paciente, o governo hollandez julgára occasião de propor o levantamento de um inquerito local, para apuramento das responsabilidades do consul. Era desconhecer a nossa independencia, que não sem custo, nem sem clamor, se tem affirmado em diferentes epochas. O sr. Pott fóra judicialmente convencido, perante os tribunaes portuguezes, de praticar contrabando a favor dos boers. A sua casa era centro notorio de intriga contra os interesses da Inglaterra. Já destituído das funções consulares do Transvaal e Orange, que exercia cumulativamente com as de Hollanda, fóra-lhe apprehendida correspondencia official de um dos belligerantes, contrabando tão grave

como o de espingardas ou munições de guerra. Por cima de tudo isto, um inquerito na nossa propria casa não o admittiam as boas relações diplomaticas, sem desistencia dos mais irrecusaveis direitos da nação.

Foi motivo de certa critica a fortuita coincidência, entre a retirada do *exequatur* ao consul Gerardo Pott, e a vinda ao Tejo da esquadra do Canal, com os festejos de alliança que se lhe fizeram. O reparo é insubsistente. A questão Pott vinha de longe, e não estava desde muito resolvida, por virtude de demoras cuja responsabilidade, a todos, menos a Portugal, se poderia imputar. O momento da retirada do *exequatur* foi dictado pelo governo hollandez, com a inadmissivel proposta do inquerito, e recusa a exonerar o consul. Que somos alliados da Inglaterra. Decerto! Que nos mostrámos muito ciosos de que o consul hollandez não favorecesse o belligerante boer, mas quando isso nos conveio, ou conveio á Inglaterra, dêmos passagem pela Beira ás forças do general Carrington! Pelos modos o sr. Pott era um estado, comparavel em direitos a qualquer nação no gozo pleno da sua independencia politica. Tanto mais que é um erro attribuir a Portugal obrigações de neutralidade, na deploravel campanha d'Africa do Sul, ou em qualquer outra em que a Inglaterra seja envolvida. O contrario, é que seria de dizer, em vista dos tratados existentes entre Inglaterra e Portugal. E o facto é que nunca fomos tal declaração de neutralidade, como a fizemos bem recentemente, por occasião da guerra entre a Hespanha e os Estados-Unidos, onde teriamos o coração a inclinar-se para a nação irmã (que bem mal nol-o paga) mas onde não tínhamos tratado que nos indicasse outra attitude. Os direitos dos consules não são eguaes aos direitos das nações. São bem diversos. E quanto menos neutraes devessemos ser considerados na luta do Sul d'Africa, menos o sr. Pott podia julgar-se auctorisado a abusar das imunidades do seu posto, em sentido contrario ás predilecções do paiz em que se encontrava.

O governo hollandez, satisfazendo os pedidos que lhe foram presentes para retirar ao sr. Pott a representação consular, porventura receiaria ferir os sentimentos do povo neerlandez, cujo direito é plenissimo de sympathizar com a causa dos boers. Mas, obrigando o governo portuguez a praticar por acto proprio a demissão do consul, não descontentaria ainda mais a opinião publica do seu paiz? E' duvidoso. Toda a nação tem o direito de retirar o *exequatur* a um funcionario consular; se assim não fosse não seria o *exequatur* condição essencial d'esse exercicio, ou tanto valeria não o ser. Se os ministros, gozando outra sorte de privilegios — até o de extraterritorialidade para suas casas e legações — muitas vezes são transferidos, a solicitação dos governos junto de que exercem representação, e outras vezes são espontaneamente mudados por motivo de qualquer attrito pessoal, como se admittiria que um consul permanecesse no seu posto, contra o expresso desejo do paiz onde funcionava? Evidentemente a manutenção do sr. Pott em Lourenço Marques era impossivel, fossem quizes fossem os interesses que ali o prendiam, e eram muitos na multiplicidade de empresas de navegação e commercio costeiro em que era e continúa comparte. A mesma Hollanda tem vantagem em que a sua bandeira não cubra tanta diversidade de mercaderia. O sr. Pott tratará dos seus negocios com o seu proprio valimento, e os interesses neerlandezes serão administrados por pessoa que mais tempo lhes possa conferir. Quanto mais se accentue que a retirada do *exequatur* ao sr. Pott era uma necessidade indispensavel, quanto mais se reconheça que não houve animosidade de governo para governo nos actos que um praticou e outro deixou de praticar, mais depressa os ministros regressarão aos seus postos, e as relações entre os dois paizes se restabelecerão no seu anterior pé de cordialidade. Por parte de Portugal, é certissimo que não ha outro desejo.

JOAQUIM LIMA.



PLAGIATO LITTERARIO

TENHO aqui diante de mim uns poucos de jornaes brasileiros: de S. Paulo, Pernambuco e Porto Alegre — todos de outubro e novembro passados. Quem m'os mandou marcou, a traços de tinta, uma secção litteraria, onde encontro, sem nome de traductor e com o titulo de *Poemas chineses*, algumas versões do *Livro de Jade* — essa anthologia dos lyricos celestes. Com certo espanto, á medida que vou lendo, descubro estrophes e versos que me não são extranhos ao ouvido. E logo Antonio Feijó e o seu *Cancioneiro chinês* me veem á lembrança! Abro então a estante, onde, como n'um sacrario, guardo religiosamente os poetas, e tomo o livro do meu velho amigo e companheiro. Cotejo as versões — e eis, leitor amigo, que se me depára esta surpresa que aqui te ponho diante dos olhos:

Versões Anonymas

CORAÇÃO GELADO

No outomno, quando as folhas vão cahir
Das arvores, dispersas pelo vento,
Fito-as sem dor no meu isolamento
Só, como as vi nascer, vejo-as partir...

No coração as lividas tristezas
Projectam sombras como os altos montes
Ao pôr do sol, nos vastos horizontes,
Ennoitecendo os valles e as devezas...

Tornam-se as aguas em crystaes fulgentes
Do inverno ao sopro agudo, aspero e frio.
Mas um raio de sol no ardor do estio,
Muda os crystaes em limpidas correntes.

No rochedo mais íngreme e escarpado,
Quando o estio voltar, hei de ir sentar-me
Para que tu, oh sol, vindo banhar-me,
Possas fundir meu coração gelado.

O ADEUS

Foi para a guerra o grande chefe. A esposa
No momento solemne da partida,
Deu-lhe um lenço de seda cõr de rosa,
Que elle beijou na extrema despedida.

— «Leva contigo esta lembrança! N'ella
Vão bordadas as letras do teu nome.
Volta, que a ausencia o coração flagella,
Mas volta breve, que o soffrir consome.

Repara: a lua cheia, a cada hora,
Perde um pouco da eburnea redondeza;
Assim o tempo, á esposa que te adora,
Irá roubando o encanto da belleza...

ESPOSA HONESTA

Presentes tenho as joias que me déste.
Bem que desvie o olhar, meu coração,
Não sei porquê, mas todo se reveste
Da mais extranha e viva commoção.

Ponho um momento as perolas, e logo,
A's duas joias de valor subido,
Dá-lhes um tom rosado a cõr de fogo
O vermelho setim do meu vestido...

Ah! si eu te visse antes de ser casada!
Então seria o inexplicavel gôso...
Mas hoje a minha vida está ligada,
Foge que eu vivo á sombra d'um esposo.

Versões de A. Feijó

30

CANCIONEIRO CHINEZ

CORAÇÃO TRISTE, FALANDO AO SOL

Vejo as folhas das arvores no outomno,
logo aos primeiros vendavaes cahir,
e sem pesar, n'um intimo abandono,
só, como as vi nascer, vejo-as partir.

No coração as lividas tristezas
projectam sombras, como os altos montes,
ennoitecendo os valles e as devezas,
ao pôr do sol nos vastos horizontes.

Aos habitos do inverno agudo e frio
tornam-se as aguas em crystaes de prata,
mas um raio de sol no ardor do estio,
muda os crystaes em limpida cascata

Quando o estio voltar, hei de ir sentar-me
no rochedo mais íngreme do escarpado,
para que tu, oh sol, vindo banhar-me,
possas fundir meu coração gelado.

O ADEUS

Foi para a guerra o grande chefe. A Esposa
no momento solemne da partida
deu-lhe um lenço de seda cõr de rosa,
que elle beijou na extrema despedida.

— «Leva contigo esta lembrança. N'ella
vão bordadas as letras do teu nome;
volta, que a ausencia o coração flagella,
mas volta em breve, que o soffrir consome.

Repára: a lua cheia, a cada hora,
perde um pouco da sua redondeza;
assim o tempo, áquella que te adora,
irá roubando o encanto da belleza...

ESPOSA HONESTA

Tenho presente as joias que me déste;
bem que desvie o olhar, meu coração,
não sei porquê, mas todo se reveste
da mais extranha e viva commoção.

Ponho um momento as perolas, e logo,
se não me engana o meu olhar perdido,
dá-lhes um tom rosado e cõr de fogo
o vermelho setim do meu vestido.

Ah! se eu te visse antes de ser casada!
Que inalteraveis dias de ventura!
mas hoje a minha vida está ligada...
foge... esquece-me... exige o esta amargura...

Vês estas minhas lagrimas trementes
No immenso mar d'angustia em que flucto?
São estas duas perolas fulgentes,
Que tu me deste e emfim te restituio...

O ESTOFO

Trabalhando á janella tristemente,
Piquei meu dedo: e a flôr que então bordava,
Mais alva do que a neve, de repente,
Em flôr vermelha logo se tornava...

Nem sei como pensei — que phantasia! —
N'esse que foi bater os revoltados,
E que era d'elle o sangue que corria...
— Pois os meus olhos tive-os marejados.

Julgava ouvir o estrepito distante
De um cavallo de guerra, a galopar!
Levanti-me soberba e triumphante...
— Era o meu coração a palpar!

Voltei de novo a trabalhar, scismando:
E as lagrimas cruas que então chorava,
Ai! foram, pouco a pouco, recamando
De perolas o estofo em que eu bordava...

Vês estas minhas lagrimas trementes
No immenso mar da angustia em que flucto?
São essas duas perolas fulgentes,
que tu me deste, e emfim te restituio...

A FLOR VERMELHA

Trabalhando á janella tristemente,
piquei um dedo, e a flôr que então bordava,
mais alva do que a neve, de repente
em uma flôr vermelha se tornava.

Não sei como, pensei, que phantasia!
n'esse que foi bater os revoltados,
— que era d'elle o sangue que corria...
— Senti de pranto os olhos marejados.

Depois ouvi o estrepito distante
d'um cavallo de guerra a galopar;
levanti-me soberba e triumphante...
— Era o meu coração a palpar!

Voltei de novo a trabalhar, scismando:
e as lagrimas ardentes que chorava,
iam, a pouco e pouco, recamando
de perolas o estofo em que eu bordava.

Isto não é tudo. *T'en passe...* e não das piores. O que ahi fica estampado é apenas uma amostra do plagiato.

O confronto, palavra a palavra e virgula a virgula, que acabo de fazer, dispensava todo e qualquer commentario.

Como se tratasse d'uma traducção, o bom do homem suppõe que, com algumas alterações da sua lavra (e que alterações na maior parte dos casos!) podia dar á sua obra um certo ar de originalidade. Os versos plagiados a Feijó explicam-se hiam pelo facto de bem se poderem encontrar dois traductores vertendo a mesma peça para o mesmo idioma. Mas, além de que tanta coincidência como a que acima se evidenciou — coincidência de estrophes inteiras! — ultrapassa todos os limites da verosimilhança — o pobre homem ignorava de certo que as *versões em verso* de Feijó, sendo feitas através de *versões em prosa*, como a de Judith Gautier, não eram uma traducção litteral ou mesmo approximada, mas uma simples adaptação, onde o traductor se aproveitou apenas das idéas, dos conceitos e das imagens como de themas sobre que livremente modelou a sua forma, e que, assim, o metro, o rythmo, a estrutura estrophica d'essas versões não são originaes dos poetas chinezes, mas sim arbitrariamente escolhidos pelo poeta portuguez. Aqui é que o traductor foi trahido pela sua ignorancia: aqui é que o gato escondido deixou ver a ponta da cauda! E lá se foi o sorridente plano: publicar a cousa assim, em fragmentos e anonimamente, nos jornaes — e mais tarde, se se não desse pela artimanha, zás, reuni-a em volume. oppondo-lhe então, já sem modestia, o glorioso nome...

Mas não páram aqui as partidas que esses anonymos estão pregando ao nosso bom Feijó.

Em outro jornal, de 16 de outubro, apparece com a assignatura: *Padre Diogo A. Feijó* o soneto *Refugium peccatorum*, que faz parte do livro *A Ilha dos Amores*!

Este padre Diogo Feijó, brasileiro de nascimento, mas creio que portuguez de origem e da familia do poeta da *Ilha dos Amores*, foi um homem notavel no seu tempo. Frade e politico, distinguio-se na tribuna sagrada e na parlamentar, tomando parte activa no movimento da Independencia. Foi deputado por S. Paulo ás nossas constituintes de 20, tentou depois fundar uma republica no Brasil, fez parte da assembleia nacional brasileira e, convertido á monarchia, foi ministro, regente do Imperio na menoridade de D. Pedro II, bispo de Marianna, etc.

Por que mysterioso processo de erudição e critica litteraria se attribuiu, porém, a este padre, coevo dos ultimos arcades, a paternidade de um soneto que faz parte de um volume publicado em Lisboa em 1897 — é o que, por mais que em tal segredo parafuse, não me é dado desvendar! Mas o facto é que o soneto em questão tem sahido em varios jornaes e almanachs litterarios, sendo imputado não a Antonio Feijó mas áquelle seu remoto parente, que — quem sabe?! talvez nunca tivesse feito a corte ás meninas do Pindo...

E, assim, o fino e consciencioso poeta das *Lyricas* e *Bucolicas*, do *Cancioneiro Chines* e da *Ilha dos Amores*, vê a sua obra tratada como se fosse roupa de francezes.

Contra isso protestamos: e protestamos não só em nome dos nossos direitos, mas em nome tambem da dignidade e da grandeza da propria litteratura brasileira, que, justamente no que toca a poetas, desde um Casimiro d'Abreu e um Gonçalves Dias a um Luiz Guimarães e a um Olavo Bilac, não precisa, para se glorificar, de ir colher louros a Parnasos estranhos.

LUIS DE MAGALHÃES.



Antonio de Barros Ramalho Ortigão

O *Brasil-Portugal* honra-se hoje publicando o retrato de Antonio de Barros Ramalho Ortigão, uma das figuras mais distinctas e sympathicas do commercio e do jornalismo brasileiros.

Antonio de Barros, filho d'um honrado e intelligente commerciante da praça do Rio de Janeiro, nasceu n'essa cidade e, seguindo os exemplos de rectidão e actividade de seu pae, adquiriu um nome e uma reputação que todos respeitam e apreciam.

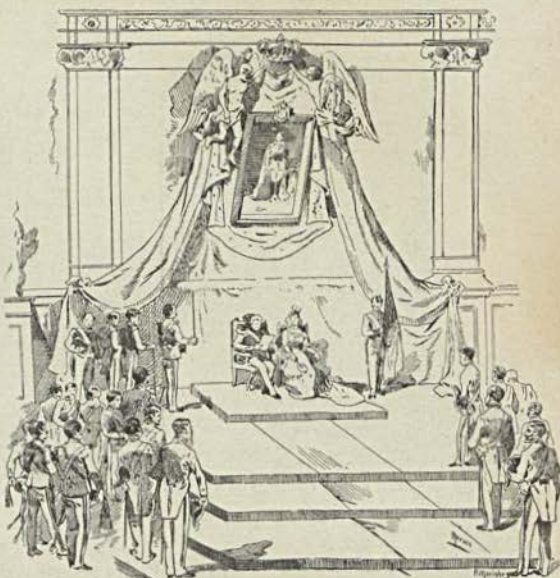
Como jornalista, é considerado um dos mais competentes em tratar de assumptos economicos e financeiros, e os artigos que sobre tal assumpto escreve na *Gazeta de Noticias* são considerados como verdadeiros primores de estudo e de justiça de vista.

Esperamos em breve publicar alguns artigos que Antonio de Barros prometteu escrever para a nossa Revista.

A ABERTURA DAS CÔRTESES



A estatua de José Estêvão, no largo das Côrtes



A sessão real

É El-rei lendo o discurso da corôa. À esquerda S. M. a Rainha, à direita o infante D. Afonso acompanhando o estoque de Condestavel do Reino



A fachada do Palacio das Côrtes

Com a solemnidade habitual abriram-se as côrtes portuguezas no dia 2 de janeiro, lendo o chefe do Estado a Discurso da Corôa, ao qual as Camaras vão responder, votando como homenagem a S. Magestade, sem discussão, uma resposta. A opposição parlamentar reserva para cada um dos projectos que se apresentem a discussão o apreciar a marcha governativa.

A cerimonia da abertura do parlamento tem sempre grande

apparo. Além dos membros das duas Camaras, acompanham El-Rei e a Rainha os altos dignitarios de serviço, as damas de S. M. a Rainha, trajando de branco e azul, as côres nacionaes. Os coches reais são acompanhados pelos regimentos de cavallaria, infantaria e cavallaria abrem alas á passagem do cortejo. Uma vez no edificio das Côrtes, for-



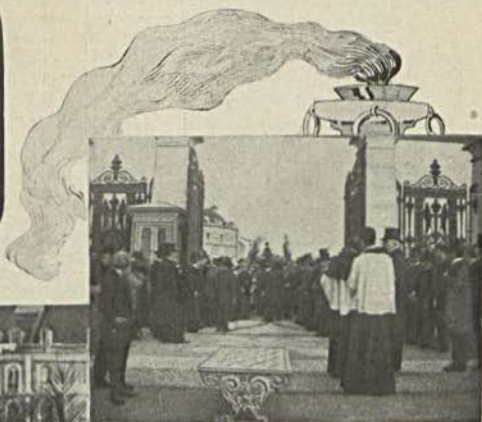
O Estado maior do general da divisão



O regimento de caçadores 1

ma-se o cortejo, que precede o chefe de Estado desde a escadaria principal até á sala das sessões. Vão adeante os continuos das duas Camaras, os reis d'armas e passavantes, os officiaes-mores do Paço, os corpos legislativos, conselheiros de Estado, o ministerio, a familia real, as damas e a casa civil e militar de El-Rei. A guarda real dos archeiros abre alas, e, quando chega o cortejo á sala, cujas galerias estão sempre apinhadas, sobretudo de senhoras, que lhes dão um tom alegre com as suas *toilettes* claras, El-Rei lê o Discurso que lhe é entregue pelo presidente da Camara, e, finda essa leitura, o presidente da Camara dos Pares, que toma assento á direita do throno, declara em nome de El-Rei aberta a sessão legislativa do anno.

O enterro de Luciano Cordeiro



No Cemiterio dos Prazeres

- 1.º — O presidente do conselho, Hintze Ribeiro.
- 2.º — A chegada do prestito.
- 3.º — Os convidados.
- 4.º — Os asylos de creanças.



Na Avenida — O carro funerario



O tumulo



Enterro de Luciano Cordeiro — Exposição do feretro na Sociedade de Geographia

THEATROS

S Carlos

Quatro operas n'esta quinzena — *Roberto*, *Norma*, *Gioconda* e *Othello*. E para amanhã já se anuncia a *Carmen*. Uma girandola das mais varias composições, desde o velho e filigranado classicismo melódico até à portentosa tragedia lyrica, em que o genio de um velho glorioso veio afirmar-se com tal seiva e frescura, que antes se diria enervado da mais exuberante mocidade. Houve cartazes para todos os gostos e escolas. Vimos os radiantes, aos felizes representantes da geração, que idolatrava a Stoltz e a Novello; admirámo-los, de longe, extaticos ante as promessas da *Norma* (de longe e bem de longe, porque de perto, não sei se V. Ex.^{sa} sabem, é cada massada!); e ao passar por elles lá lhes ouvimos o classico — aquillo é que é musica! aquillo é que eram cantores! Os do *Roberto* evocavam o Uetam e lamentavam, em tom dolente, que se deixem passar dezenas de annos, sem se ouvir a formidavel estopada do tercetto de vozes sós e o côro infernal oh! Roberto, oh! Roberto... que com o respectivo pim! pim! chegou a celebrar em tempo um portuguez, que a manusear linhas e a confeccionar pillulas se sentiu mordido pela sublime paixão da Arte. Os da *Gioconda* iam vêr de novo a Theodorini e o Menotti, relembrar a Pasqua e a Tetrzinni, ouvir o vertiginoso galope conduzido por Goula e admirar as surpresas de *mise-en-scène*, que por via de varios effeitos e combinações de luzes se haviam de produzir, com encanto para os olhos e sedução suggestiva para o espirito. Finalmente a moderna geração, as gentes do progresso tinham um *Othello* quasi inedito, com um Yago dos primeiros e dois *noiros* no feroz *Othello* e na poetica Desdemona. E como o tempo vae para os *noiros*, para as esperanças, até se descontava o exito, com alta cotação.

Afinal, os unicos que poderiam cantar victoria foram os terriveis sectarios dos Novellos. Contando porém com as rabugices proprias da segunda meninice, apezar da *Norma* ser a mais feliz de todas as

pretendentes ao applauso, ficaram fulos, porque a sr.^a Del Frate não lhes attingiu uma bitola ideal que elles figuravam e porque o sr. Ceppi lhes cantou a opera nos mesmos termos em que as creanças pedem a emulsão de Scott.

E' forçoso confessar que a companhia de S. Carlos, tal como está constituída, offerece uma anomalia situação grammatical aos *dilettanti*. Grammatical, sim senhores e ex.^{mas} senhoras, é positivamente o termo. Ora vejam. Percorrendo o elenco, ou deparam com varios passados (ou preteritos) mais ou menos perfeitos ou imperfeitos e até mesmo mais que perfeitos (haja vista a sr.^a Theodorini!), ou topam com illustres futuros ou futuros condicionaes, esses quasi todos imperfeitos. E a respeito de *presentes* nem um autentico, para amostra! O que, se scandalisa o Epiphania, não é de molde a contentar os patriarchas da arte lyrica. Reduzir uma companhia a respeitaveis ruínas, ou a ridentes esperanças, é uma phantasia de organização, cujos resultados se vão apreciando n'aquella voragem, com que o buraco do ponto vae collaborando no destino dos espectaculos annunciados. Cumprimentos emtanto mais de perto as novidades — paradoxalmente algo preteridas — das quatro *primeiras* da quinzena.

A sr.^a Del Frate. Secção de respeitaveis ruínas. Foi a *Norma*. E foi tambem uma voz. Mas é ainda uma apreciavel artista, cantando com muito conhecimento da sua arte e dos processos porque n'ella se pode dar a apparencia de joia fina ao que é apenas imitação de valia. Não seria uma *Norma* muito classica, enfiada nos paypys de Bellini e nas regras inflexiveis do estylo da época e da escola; mas a não ser os taes, que ficaram fulos, a maioria nem conhece essa escola, nem aprecia esse estylo e contenta-se que uma artista lhe diga finamente o *recitativo*, como tão bem o faz a sr.^a Del Frate e lhe execute com delicadeza os principaes trechos melódicos. Com a sua voz desigual e cançada, de que restam uns bellos e sonoros graves e uns altos e afinados agudos, que ella sabe *flair* a primôr, a sr.^a Del Frate é decerto um dos passados mais perfeitos da grammatica do sr. Paccini.

A sr.^a Theodorini. Da mesma secção. Um talento dos de maior vigor e de mais alta envergadura, que tem vindo a palcos lyricos. Artista que dominou o nosso publico até ao fanatismo, quando o encanto da sua voz deu relevo ás paixões que lhe animavam os personagens. Foi a *Gioconda*. Interpretação tão vibrante, como a de outras

eras, tão intensa, tão sentida, como outr'ora. Mas... que traçoira larynge!

No *Roberto* e no *Othello* foram respectivamente protagonistas o sr. Dimitresco e o sr. Ceppi, o qual também nos musculou o Polliou da *Norma*. O sr. Dimitresco já se foi embora, e a doce esperança de que não voltará anima-nos à benevolência para com o seu «Roberto» do demonio. Se o sr. Ceppi nos promettesse igual ventura, também lhe não fariamos no seu *Othello*. Olhe que é tentador! Deixaríamos em paz esta sua criação do *Othello* café, selvagem mais do que o caracter, investindo com taes arremetidas que a pobre sr.^a De Lerma, que fazia a *Desdemona*, nem ponde cantar a «Ave-Maria» em termos, de assustada que estava. O sr. Ceppi deve soffrer alguma cousa dos ouvidos; porque se se ouvisse bem, poderíamos ter a esperança de que moderaria os impetos da sua larynge. Como tal não succede de certo, lembramos aos porteiros que em noite de espectáculo com o possante tenor, podem fazer bello negocio, fornecendo aos espectadores conjuntamente com os binoculos, bolinhas de algodão em rama. Cada qual sempre tem amor aos seus tympanos!

O sr. Nervetti, sempre na secção de ruínas, foi um Barnabá de tanto talento como de apagada voz e um cynico e terrível Vago, igualmente grande pela concepção artistica, mas prejudicado pelas resistencias que os seus recursos lyricos oppõem aos impetos do seu temperamento.

A sr.^a Mantelli, outro passado perfeito, primorosa a cantar a «Adalgisa», não foi tão feliz na «Laura», em que a sua voz não passou o *fulgor del creato*, que a partitura lhe exige.

Na secção de esperanças a risonha sr.^a De Lerma foi uma «Alice» no *Roberto* de tão deliciosos agudos que até nos fez esquecer que o sr. Perelló devia no Beltram ter exhibido alguns graves. Em *Desdemona*, tão assustada andou com os torraões d'aquelle negralhão que se esquecera quasi sempre do que lera (leu com certeza!) n'aquelle cattura do Shakspeare, e até mais raramente do que mandava o Boito na sua collaboração com Verdi.

Palet é um futuro muito imperfeito, mas tem qualidades de voz, que nos deixou vir na «Gioconda», mais do que sufficientes para o sr. Pacini nos deixar ouvir d'aqui a uns bons 20 annos... na outra secção.

O sr. Perelló, elegantissimo nos seus gestos à Metan no Beltram e distinctissimo a receber os seus convidados na «Gioconda».

Goula continúa na série dos seus triumphos. As operas sob a sua batuta vivem como se as animasse o talento que as creou. Incansável de trabalho e de engenho, o illustre artista!

Vasco.

Gymnasio

A *Dama das Camélias*, que a actriz Adelaide Coutinho escolheu para a sua festa artistica, é uma peça ultra romantica, escripta ha bens cincoenta annos pelo grande dramaturgo que se chamou Alexandre Dumas. Pois bem, apezar da sua idade é ainda hoje uma peça que atrai, que captiva, que commove, que arranca sinceras lagrimas ao publico que vê incessantemente aquella grande alma de peccadora incomprehendida, soffrendo por isso e abandonando por fim um corpo gentil de mulher formosa, que muito amou e que muito soffreu.

Não tem o drama lances imprevisos, nem reserva surpresa ao publico, mas exhala-se d'elle um vago perfume de poesia que encanta e emociona.

É um estudo perfeito de alma de mulher amante. Em torno do papel de Margarida Gauthier, movem-se, falam, gesticulam outros personagens que não conseguem desviar as atenções do publico. Por isso tem aquella papel tentado sempre as grandes actrices e ainda pelo mesmo motivo, colloca-se sempre n'uma posição superior a actriz que n'elle consegue ser applaudida.

O que dissemos a proposito da *Ciumenta* e a respeito de Adelaide Coutinho, com orgulho affirmamos, está hoje completamente confirmado. Com effeito a intelligente actriz houve-se por manear a merecer os applausos com que o publico galdou a ouzadia de n'este momento se apresentar n'aquelle papel.

E o publico foi justo e os fartos applausos foram merecidos. Sobretudo no 3.^o acto, Adelaide Coutinho excedeu o que razoavelmente se podia esperar d'ella. Todos os symptomas da terrível enfermidade

que victimou Margarida Gauthier foram cuidadosamente estudados pela talentosa actriz e com felicidade reproduzidos.

Seriamos injustos se esquecemos Ignacio e Julio Soller — Armando Duval e Jorge Duval.

Soller, na scena do 3.^o acto, representou impeccavelmente; sempre correcto e grave, como convem ao papel de que se encarregou e deixando transparecer a profunda commoção que lhe causa a grandeza d'alma, a generosidade do sentimento d'aquella a quem julgava absolutamente perdida.

Ignacio, comico que todos temos applaudido, foi perfectissimo como amante apaixonado. O final do 4.^o acto foi bem representado sobretudo porque não poderia esperar-se de Ignacio que apresentasse um bom Armando Duval.

Foi uma festa que a todos deixou satisfeitos e que colloca Adelaide Coutinho no grupo, bem pouco numeroso, das nossas boas actrices.

Rua dos Zondes

A comedia em tres actos de Carlos Simões e André Brun, *O Tabellião do Pote das Almas*, é uma obra que, se não merece os calorosos applausos do publico, para mais agora educado nas peças do repertorio francez ou em produções vasadas nos mesmos moldes, é contudo digna de que se lhe preste alguma attenção porque revela talento e engenho da parte dos auctores e boa disposição para aquelle genero litterario.

O desempenho, principalmente confiado a Beatriz, Valle, Silva Pereira e Joaquim d'Almeida, é bom. Joaquim d'Almeida é um tabellião que quer casar com uma D. Vicencia, senhora que ha de ser rica, em virtude de um testamento archivado no seu cartorio e quer também casar uma filha com um irmão d'essa senhora, um capitão-mór, já velhote (Silva Pereira). Desconfia porém que o seu escrevente (Valle) também procura captar as atenções de D. Vicencia, que por fim resolve casar com elle; a filha não casa com o capitão-mór, mas sim com um sobrinho d'este a quem de ha muito ama é que é afinal o verdadeiro possuidor da herança que o tabellião ha-de entregar no dia em que se passa o ultimo acto da comedia.

Toda a peça é bem tratada, comquanto revele falta de firmeza nos desenhos. Os finais do 1.^o e 2.^o actos são sobretudo bem achados e não será difficil que n'outro trabalho os auctores mostrem bem claramente os seus recursos, que se nos affigura serem valiosos.

Deve manter-se em scena e bom será que assim seja.

Avenida

O reaparecimento de uma operetta de Offenbach é, e será ainda por muito tempo, motivo de regosio para o publico, que tem de novo occasião de ouvir boa musica, e de applauso para a empresa que tiver resolvido arcar com as difficuldades, que não são poucas, de tal empreendimento.

É com effeito a musica do genial creador da operetta burlesca, pelas difficuldades que offerece a quem quer conservar-lhe toda a graça scintillante e dar justo relevo a todos os inesperados contrastes, d'aquellas que não canta quem tenha apenas voz, que não toca quem saiba apenas executar com correcção o instrumento a que se dedicou. É preciso mais, é preciso melhor: o executante deve sentir o que o maestro sentiu, pensar como elle, rir com elle.

Aquella musica de tal modo traduz todo o sentir do compositor que só assim se pôde ter a exacta comprehensão d'ella.

O *Barba Azul*, essa famosa operetta em 1 acto, agora em scena no theatro da Avenida, cantou-se pela primeira vez em Lisboa ha bastantes annos, desempenhado por Anna Pereira, Queiroz, Izidoro e parece-nos que Delfina. O desempenho de agora, confiado a Palmira Bastos, que nos dá uma nova revelação do seu talento, Corrêa, Alfredo de Carvalho e Jesuina, sem se parecer com o de então, em cousa alguma lhe é inferior, porque todos souberam sublinhar o que a musica tem de gracioso e de subtil.

Sinceramente louvamos Souza Bastos pelo seu commettimento e entusiasticamente applaudimos os actores encarregados do desempenho, os executantes que fazem parte da orchestra, o regente e o ensaiador, porque todos contribuíram para o brilhantismo da operetta.

BRASIL PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora

Largo do Góndi Barão, 50

Tipografia supplementares: Off.ª Ezequiel Nunes & F.ª

Rua d'Assumpção, 18 e 24

Romance: Typographia Castanheira

Calçada de S. Francisco, 13

REVISTA QUINZENAL ILUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lorjô Tavares

Editor

Luiz Antonio Sanches

Redacção e administração — Rua do Carmo, n.º 13, 1.ª

LISBOA

Endereço telegraphico — BRATUGAL

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO
Anno.....	4\$000	Anno.....	\$8000
Numero avulso.....	2\$500	6 meses.....	4\$500
		3 meses.....	2\$500
		Numero avulso.....	\$350

SUMMARY

General Visconde de Serpa Pinto — MORAES CARVALHO.
A mulher nos dramas de Ibsen — FRITAS BRANCO.
Sylvia — A peça — Uma scena da comedia — ABEL HERMANT.
Pedra Ignácio Lopes.
Politica internacional — CONSIGLIERI PEDROSO.
Colhendo amoras — Desenho de ROQUE GAMEIRO.
Plagiado literario — LUIZ DE MAGALHÃES.
Antonio de Barros Ramalho Ortigio.
Portugal e a Hollanda — JOAQUIM LIMA.
A abertura das Cortes.
O enterro de Luciano Cordeiro.
Theatros.

Paginas supplementares

O Brasil-Portugal.
Novo romance.
Consiglieri Pedroso.
Indice.
Pares — Presidentes — Titulares.
Antonio Feijo.
Raul Brandão.
Manuel Penteado.
Uma lição de patinagem — (Conto mudo).
Modas.
O Matadouro de Lisboa.
Morte, morte de amor, melhor que a vida — Versos de HENRIQUE DE CASAS.
Apontamentos d'uma vespa — JULIO MOUTINHO.
Anecdotes.
Cartas da Quinzena.

35 illustrações

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO: Companhia Central dos Estados do Sul. Coronel Theodoro Pupo de Moraes e José Martins Polio, Rua da Alfândega, 4, sobrado.
PERNAMBUCO — A. Leopoldo da Silveira.
PARA — J. B. dos Santos & C.ª (Livrar.ª Classica) — Rua João Alfredo, 30.
MANAOS — A. Fochadella — Casas Andersen & C.ª — Praça Tumandará.
NATALIAO — Leoncio J. de Medeiros & C.ª
CEARA — Salles Torres & C.ª

BAHIA — José Luis da Fonseca Magalhães (Livrar.ª Magalhães) — Rua Direita do Palácio, 35.
PELOTAS — Carlos Pinto & C.ª (Livrar.ª Americana).
PORTO ALEGRE — Carlos Pinto & C.ª (Livrar.ª Americana).
RIO GRANDE DO SUL — Carlos Pinto & C.ª (Livrar.ª Americana) — Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

BOLAMA (Guiné) — Cesar A. Gouveia da Silva Homem. Thesoureiro geral da Provincia.
MOÇAMBIQUE — D. Bernardo Heitor da Silveira de Lorena.
MOSSAMEDES — José Maria Pereira, escrivão e tabelião.

QUELLIMANE — Henrique Lima.

BENGUELLA (Egypito) — Mathews & Tavares.

No Continente

PORTO — (Agente geral no Porto e no norte.) Antonio Costa Fernandes, Rua do Almada, 234, 1.ª.
EVORA — (Agente geral em Evora e no Sul) Luiz Freire Correira, director da Escalacção dos tabacos.
BEJAVENTE — J. N. S. Carvalho.
PONTE DE LIMA — Gama, Amaral & Com.ª.
COIMBRA — João Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 1.ª.
TAVIEIRA — José Maria dos Santos.
FARO — Maya & Trigos.

No Estrangeiro

PARIS — Xavier de Carralho, Boulevard Clichy, 16.

O «BRASIL-PORTUGAL»

Vae entrar no 3.º anno a nossa Revista e do caminho andado não temos senão que felicitar-nos.

O grande publico dos dois paizes tem, por uma forma que não pôde ser mais gentil nem mais captivante, respondido aos nossos esforços. E resta-nos a consolação de a nenhum sacrificio nos termos poupado para merecer o generoso e largo acolhimento que nos tem dispensado Portugal e o Brasil.

Fechamos com este n.º 48 o 2.º anno da publicação, e é com o maior jubilo que nas columnas d'estas paginas annunciamos melhoramentos e aquisições para os numeros seguintes, no intuito de tornar de anno para anno mais interessante e atrahente a nossa Revista.

Pelas noticias que seguem, poderão os leitores do Brasil-Portugal verificar que o mais ardente desejo d'esta empresa e dos seus directores é dar á publicação um interesse crescente, tornando-a, tanto na sua feição litteraria como artistica, necessaria, util e agradável.

E agora que vae começar a faina para o n.º 49, agora que o 3.º anno começa, deixemos aqui registado bem alto o nosso reconhecimento a todos os assignantes, collaboradores, auxiliares, artistas e leitores do Brasil-Portugal, que para o exito alcançado tem em larga escala contribuido.

NOVO ROMANCE

Está a terminar o bello romance historico, que Lopes de Mendonça escreveu expressamente a convite da direcção d'esta Revista, e que o Brasil-Portugal tem distribuido aos seus assignantes, em folhas de 8 paginas em todos os seus numeros, como brinde.

A seguir, começaremos a publicar, nas paginas supplementares, O CEGO, um dos mais notaveis romances de Perez Galdos, versão livre de Lorjô Tavares.

CONSIGLIERI PEDROSO

Inaugura hoje, nas columnas d'esta Revista, uma chronica, sobre politica internacional, o illustre professor do Curso Superior de Letras e erudito escriptor o sr. Consiglieri Pedroso. O Brasil-Portugal honra-se de o contar como collaborador effectivo, por isso que a estas columnas elle virá dar todo o brilho do seu alto espirito e todo o valor da sua prosa culta.

Em todos os numeros do Brasil-Portugal publicaremos a chronica de Consiglieri Pedroso.

INDICE

Com o n.º 49, de 1 de Fevereiro proximo, será distribuido o Indice de todas as materias e gravuras publicadas no Brasil-Portugal durante o 2.º anno da sua existencia.

Fica assim completo o volume.

Conselho d'Amigo...

Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

Pares — Presidentes — Titulares

RAUL BRANDÃO

MODAS

No nosso numero 49, de 1 de fevereiro, que é o primeiro do terceiro anno do **Brasil-Portugal**, publicaremos os retratos dos novos pares do reino, dos actuaes presidentes das camaras dos Pares e dos Deputados, e dos recentes titulares.

A Revista conta-o desde hoje como collaborador effectivo. O illustre escriptor, incontestavelmente um dos de maior merito da nova geração litteraria, publicará no **Brasil-Portugal** uma série de artigos e contos litterarios, sob a designação generica de *Historia do batel* «*Vae com Deus e da sua companhia* — *croquis* de scenas do mar apanhadas em flagrante pelo seu espirito observador. Estes contos serão illustrados.

ANTONIO FEIJÓ

Manoel Penteado

O notavel poeta das *Ilhas dos Amores* honra com o seu nome o nosso primeiro numero do 3.º anno. Firma uns versos encantadores, que expressamente escreveu para o **Brasil-Portugal**, e que teve a gentileza de nos offerecer.

Esses versos serão acompanhados de uma artistica illustração.

Vão periodicamente apparecer nas columnas d'esta Revista chronicas de um dos nossos mais talentosos escriptores, o sr. dr. Manoel Penteado. E com grande prazer que damos esta nova aos que prezam as boas letras e dão o valor devido ás brilhantes qualidades de espirito.

Esta empresa, que para ser agradavel ás suas numerosas e gentis leitoras se não poupa a sacrificios de qualquer ordem, resolveu publicar periodicamente uma importantissima **Secção de modas**, em que os artigos descriptivos sejam illustrados com **figurinos a cores em paginas especiaes**, papel de luxo.

Estamos organizando esta secção da Revista por forma que não possam exceder-nos nas ultimas **novidades** todos os grandes jornaes de modas.

O MATADOURO DE LISBOA

Vamos dedicar-lhe, no nosso n.º 49, algumas paginas, que devem ser deveras interessantes, sobretudo por causa das gravuras que lhes destinamos.

A objectiva do **Brasil-Portugal** colheu em flagrante não só interiores e varios aspectos do edificio, mas conseguiu tambem reproduzir scenas de matança de gado, o que constitue para muita gente... uma novidade.

UMA LIÇÃO DE PATINAGEM

(Conto mudo)

Morte, morte de amor, melhor que a vida

I

Se é morrer, quando é morte sequeiro
Haurir, vencido, pallido, arquejante,
N'um labio de mulher o inebriante
Filtro divino do supremo gozo;

Se é morrer, quando é morte venturoso,
Ao mundo alheio, n'um suave instante,
Ver n'um olhar, n'um gesto, n'um semblante,
Alma vibrar n'um frémito nervoso;

Se é morrer, quando é morte convulso
Sentir nas veias, como um fogo vivo,
A volúpia da carne appetecida;

Mil vidas sem pezar sacrificar,
Porque, morrendo tanta vez, gozara
«Morte, morte de amor, melhor que a vida».

II

Se é morrer, quando é morte seio a seio
Ligar, sentindo o coração amado,
Unisono, vibrar, apaixonado,
Na mesma commoção, no mesmo anseio;

Se é morrer, quando a sombra de um receio
Não interrompe o extasi sagrado
E o ser que a outro ser ligar-se veio
Fica no mesmo affecto unificado;

Se é morrer, quando é morte n'um desejo
As almas confundir, sorver n'um beijo
Toda a ternura da mulher querida;

Fu dos mortos de amor invejo a sorte:
Morrer assim, que venturosa morte!
«Morte, morte de amor, melhor que a vida».

Bahia — Brasil.

HENRIQUES DE CASAS.

Ella para o marido, que é poeta:

— Fazes versos para toda e gente menos para mim. Vamos lá a ver ao menos como farás o meu epitaphio.

— Oh! minha querida, que tristeza d'assumpto!
— Qual historial... Eu faço o primeiro verso:
Aqui jaz Anna da Soledade!

Elle, inspirado pelo instincto de poeta, conclui:

— *Frouvera a Deus que fosse verdade!*



4.º



2.º



5.º



3.º



6.º

O CARTAZ DA QUINZENA



S. Carlos.—Cantaram-se esta quinzena a *Giocanda*, em que se estrejou Helena Theodorini; o *Othello*; e anunciou-se para a próxima quinzena os *Huguenotes* para debute da sr.^a Darcile; e *Um baile de máscaras*, esta em teatral extraordinária a favor do Instituto Ultramarino.

D. Maria.—A nova peça, que deve representar-se na noite de 19, é original do sr. Augusto Cesar Pereira da Motta, official do exercito, que debuta como autor dramático.

A distribuição é a seguinte:

Maria	Virginia
Martha	Amélia Vianna
Luiz	Carlos Santos
Ricardo	Fernando Maia
Dr. Paulino	Augusto Mello
Jorge d'Aguilar	Posser
Dr. Miranda	Francisco Santos

A acção passa-se em Lisboa na actualidade.

—A seguir representar-se-ha a peça de Jean Richelin, *O Caminho*, 5 actos em verso, traduzidos pelo sr. Julio Dantas, sendo os principais papeis feitos pela actriz Virginia e pelos actores Ferreira da Silva e Augusto de Mello.

D. Amélia.—Voltou a companhia Rosas & Brado, que fará repêse do *Othello* para a festa artistica de João Rosa, e depois dará a *Séverina*, peça em 5 actos, original de Julio Dantas, assim distribuída:

Conde de Marialva	Augusto Rosa.
D. José	Alves.
O Custodio	João Rosa.
Romão, alquilador	Gil.
Timpanas, bolleiro	Antunes.
Diogo	A. Pinheiro.

Roque	Lagos
O Mangorona	Silva
Severa	Angela Pinto.
A marquezita	Maria Pia.
Chica	Maria Folcico.
Maria da Luz	Elvira Santos.

—Anuncia-se para este theatro uma peça de Marcelino de Mesquita, extrahida do romance extraordinario de Henri Sceenkevitz, *Quo vadis*.

Trindade.—Esta noite faz-se repêse da zarzuela *El rei que rabió*, traduzida com o titulo de *El rei daniado*.

El-Rei	Rosa Paes
Jeremias	José Ricardo
General	Francisco Costa
Capitão	Firmino
Intendente	Telmo
Almirante	Soares
Governador	Fernandes
Alcaide	João Silva
João	Gomes
Rosa	Delphina Victor
Maria	Amelia Barros
Germano	Estephania
1.º pagem	Cremilda
2.º pagem	Hortense

A seguir entrará em ensaios *O Homem das mangas*, opereta allemã, traduzida pelos srs. Freitas Branco e Mello Barreto.

Ginástico.—A comedia que se segue agora em scena, é um original portuguez, intitula-se *O Casamento do Conselheiro*, tem 4 actos e é do sr. Arthur Tavares de Mello.

O conselheiro	Cardoso
Rosário	Telmo
O Barão	Marcelino Franco
Dr. Pimentinha	Sarmiento
Jorge	Antonio de Sousa
D. Bernardo	Annihal Pinheiro
Um reporter	Alves
O commendador	Alexandre Ferreira
Gambão	Salles
Georgina	Josephina de Oliveira
Joseph	Isabel Berardy
Laura	Adelaide Coutinho
Mimi	Palmyra Torres
Nôô	Emilia Berardy
Brigida	Adelia Solter
Uma creada	Palmyra Ferreira

Depois segue-se o *Príncipe*, comedia de Havelly e Meillac, em 4 actos, traduzida pelo sr.

Libanio da Silva; e em beneficio da actriz Josepha de Oliveira faz-se repêse do *Pierrotin* & C.

Avenida.—Depois da revista do anno de Sousa Bastos, *Talvez te esquecerá*, que deve representar-se, pela primeira vez, na noite de 24, entra em ensaios uma opera comica original do sr. Lopes de Mendonça, *O Tição negro*, com musica do maestro Augusto Machado.

—A seguir, repêse do *Girofle-Girofla*.

Rua dos Condes.—Ensaia-se a revista de Schwalbach — *Nieles*, que se annuncia para o fim do mez. O guarda-roupa e scenario são todos novos.

Entretanto, Silva Pereira, transformado em capitão-mór, vae arrastando a sua filha do *Tabelião do Pote das Almas*.

Príncipe Real.—A primeira representação d'esta noite, do original de D. João da Camara, promette ser um grande acontecimento theatral.

A *Rota Engrilhada*, tem 6 quadros intitulados:

- 1.º O cego.
- 2.º O enterro.
- 3.º O Senhor dos Passos.
- 4.º O crime.
- 5.º A accusada.
- 6.º A propheta do cego.

A distribuição é a seguinte:

Rosa	Adelina Ruas
Marcolina	Maria das Dóres
D. Placida	Elisa Aragonês
Julia	Maria Marquez
João Heynald	Ernesto Valle
Fortunado	Luciano
Augusto de Arruda	Torres
Chico da Arruda	Cetano
Malazucco	Machado
O taberneiro	Soares

Depois entra em ensaios *Os dois renegados* para beneficio do actor Ernesto do Valle.

Colyseu dos Beberes.—Começaram já os preparativos para as quattr grandes festas do Carnaval.

Os artistas que debutaram esta quinzena, e que tiveram grande exito, foram o *clown* funambulante excentrico Mr. Polo, Mr. Rofix, o mais assombroso equilibrista que pôs sobre o queixo um plano e uma senhora tocando-o, disparando ao mesmo tempo um canhão; *Okio*, artista japonês; e Mr. Theo, silhouetista.



ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Recebe e satisfaz encomendas para o Brasil e Africa com grande desconto

—+ Sempre as ultimas novidades +—

RUA DO ALECRIM, 111, 1.º

LISBOA

ANEDOTAS

N'um café:

Dois serralleiros andaluzes falavam acerca da Exposição, para a qual tinham mandado cofres á prova de fogo.

—Oh! diz um, na incombutibilidade de safo

seja quem for! Fiz a experiencia seguinte: metti um gallo n'um cofre e este n'uma grande fogueira. Quando o metal se achava incandescente, mandei abrir o cofre: o gallo estava a cantar!

—E eu, disse o outro, fiz a mesma experiencia. O cofre estava em um forno; quando o metal começava a derreter-se mandei-o abrir: o gallo tinha corrido... de trió!

Um estalajadeiro foi confessar-se e o padre perguntou-lhe:

- Você vendeu alguma vez gato por lebre?
- Não, senhor.
- Mas eu já comi gato em sua casa!
- Então foi porque vossa rev.ª talvez pedisse coelho!

APONTAMENTOS D'UMA VÊSPA

Eu sou uma vêspa antiga, uma vêspa de calção e meia e de cabellera de rabicho, por assim dizer.

Desde os meus tempos de... vêspa solteira até hoje, tenho visto de passagem, pousando aqui, saltando ali, varios casos da vida, que mostram a evidencia a tendencia que em todos os racionais se nota, quando ainda creanças, para o papel que, já homens, tem de desempenhar neste mundo, a que uns chamam bola e a que outros se referem dizendo: — *Ora bolas!*

Vou apresentar um exemplo, que tenho bem presente.

Era por uma manhã lindissima de primavera...

Este começo é velho, mas nem por isso deixa de ser bonito.

Eu dava o meu passeio matutino, apreciando o delicioso aroma das formosissimas flores, que adornavam um magnifico jardim, pertencente a uma soberba propriedade, propriedade não sei de que proprietario feliz.

De repente, rompem ás correrias pelo jardim dois meninos endiabrados.

Tratei immediatamente de me acautelar da sanha infantil, pousando sobre uma rosa-chá, bastante distanciada dos matinaes brincalhões.

Um d'elles empunhava um chicote e o outro trazia á volta da cinta uma corda á laia de redea.

Numa palavra: era o cocheiro, o outro o cavallo.

Muito bem.

Passaram-se annos. Não posso agora lembrar quantos, se bem que eu sou possuidora de uma memoria que faz prodigios.

A tarde estava chuvosa. O vento, que era muito, prendia-me os movimentos, fazendo-me ir d'encontro a todos os arbustos, que encontrava na minha passagem.

Vi uma janelita aberta no meu caminho, e quasi mais impellida pelo Bóris do que pela propria vontade, entrei.

Fui descançar sobre os cabellos grisalhos de um sujeito, que dormitava commodamente reclinado n'uma poltrona.

Puz-me a observá-lo. Para melhor o fazer — por isso que o estava vendo de baixo para cima — mudei-me delicadamente para a ponta do nariz, como centro... de gravidade.

Súbito, disse eu com as minhas azas:

— *Hein!... Ora espera! Eu conheço esta cara!*

Saltei-lhe para o queixo. Como ponto strategico de observação, era de primeira ordem!

— *E' elle!... Não ha que ver! Mas que luxo, sim, senhor!*

A curiosidade — que não é só das senhoras, mas também das senhoras vêspas — principiou comigo ás voltas e eu levantei vôo, visitei a meu bel-prazer todo o interior da casa, sempre com o ouvido á escuta. Soube, por fim, o que desejava.

O homemsinho que dormia, era o pequeno que eu conheci annos antes, essa creança que encontrei no jardim, com tão pronunciada vocação para cocheiro!

Era ministro!...

A differença é apenas nas alimarias a governar... porque as redeas lá estão!

Dias depois fui encontrar o outro menino — o que mostrava pronunciada vocação para irracional — já homem, é claro, ainda muito bem conservado, sentado a uma porta, conversando amigavelmente com um outo o individuo vestido justamente como elle: chapéu alto, capote comprido

do debruado a fitas largas amarellas e uma correia aos hombros.

Era cadeirinha!...

Aqui a differença não é nenhuma.

Porto.

JULIO MOUTENHO.

Gabava-se Talleyrand de que ninguém como elle conhecia as regras de etiqueta e sabia dar a cada pessoa que recebia em sua casa o tratamento que lhe competia.

Assim, dando um almoço, a que assistia um principe de sangue, e com elle muitos fidalgos e pessoas de situação diversa, e sendo Talleyrand quem trinchava, segundo o velho costume, hoje completamente passado de moda, Talleyrand disse ao principe:

— Posso ter a honra de mandar a Vossa Alteza um bocadinho de bife?

A um duque: — Dê-me V. Ex.^a licença que lhe dê um pouco de bife.

A um marquês: — Marquez, posso-lhe mandar um pouco de bife.

A um visconde: — Visconde queira receber um bocadinho de bife.

A um barão: — O barão quer bife?

A um fidalgo sem titulo: — Um bocadinho de bife, senhor?

Ao seu secretario: — Bife?

Mas, reparando que havia ainda um conviva de posição inferior á de secretario, era difficil encontrar uma formula nova, mas Talleyrand não trepidou. Olhou para o seu hospede humilde sem dizer palavra, e com o garfo e a faca fez o gesto de quem corta bife.

Entre esposos:

— Dize-me, Laura, qual a desgraça que sentirias mais?

— Como te amo muito, Raul, o que sentiria mais é que tu ficassem vivo!



Bilhares de precisão

COM A CELEBRE TABELLA AMERICANA

MONARCH

Pannos, Tacos, Bóllas e todas as accessorias

Jogos diversos de novidade—Cartas.

Tentos e Fixas para todos os jogos

Viuva de José Alexandre de Senna

22 — Rua Nova do Almada — 22

CASA FUNDADA EM 1875.

LISBOA

Peçam o catalogo illustrado

H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço

Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

DOCAS DE REPARAÇÃO EM CASILHAS

ESTABEIRO NO GINJAL

CANDIEIROS

« Em todos os generos »

Canalizações para agua e gas

Tubos de chumbo, borracha, lona, latão e ferro.

Louça de ferro esmaltado.

Retretes de varios systemas

Objectos proprios para brindes

Casa José d'Oliveira

21, 22, L. S. DOMINGOS, 23, 24

LISBOA



MANOEL CANICEIRO DA COSTA

CARPINTERIA E SERRARIA A VAPOR

O mais antigo estabelecimento do norte do Brasil

Foi fundado em 1870

Promptidão, rapidez e modicidade de preços

Grande Deposito

De materiais para construção civil e naval

RUA DA INDUSTRIA, 124 — PARÁ

Estabelecimento fundado em 1870

Caixa postal — 42.939

ENCYCLOPEDIA PORTUGUEZA ILUSTRADA

Acção publicada em 1.º volume. Preço em todo o Brasil (moeda brasileira) 1.º tomo, 336.000 réis, enc. 40.000 réis. Designação permanente. — Publicação de uma enciclopedia mental ao preço de 33.000 réis francos de parte.

EDITORES: **LEMOS & C.º** sucessores
Largo de S. Domingos, 53. — PORTO
AGENTES NO RIO DE JANEIRO

A. Mascarenhas & C.º — Rua da Quitanda, 38

Agente geral no Brasil: Luiz Guedes d'Amorim
CAPITAL DO ESTADO DE COYAZ

DICCIONARIO UNIVERSAL publicado sob a direcção de MAXIMIANO LEMOS

Luiz de Paula Medeiros-Gomes de Porto

Com a collaboração efectiva de dr. Adriano Anthero de Sousa Pinto, Alberto de Aguiar, A. A. Ferreira de Carvalho, A. J. Ferreira da Silva, Dr. Antonio Barreto, A. A. Costa Pereira, Bento Carquejo, cons. Bernardino Machado, Clemente Pinto, Domingos Correia, Domingos Ramos, Eusébio Sequeira, Ernesto Maia, Firmino Pereira, Francisco Antonio Pinto, cons. Francisco da Paula Cid, Francisco de Azevedo, Francisco Ribeiro Nogueira, Henrique Carvalho d'Assumpção, Jayme de Faria, Jayme Filinto, dr. João Paiva, Joaquim A. Cambes, José Candido Correia, J. N. Raposo Botelho, J. N. Raposo Botelho, José Nunes Gonçalves, José Pereira de Sampaio (Bruno), dr. Julio Henriques, Julio Portella, Luis Viegas, M. d'Oliveira Ramos, Nuno Quirio, Paulo Marcelino Dias Freitas, dr. Ricardo Jorge, dr. Roberto Frias, Simas Machado, Theophilo Braga, Valentin de Magalhães, cons. Wenceslau de Lima.

PERNAMBUCO PENSÃO DERBY

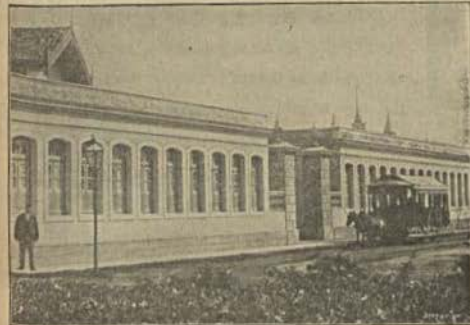
Hotel instalado com todo o conforto moderno n'um dos pontos mais pittorescos e saudáveis de Pernambuco.

60 salas e quartos. Salão de visitas e de leitura. Banhos em todos os andares. Luz electrica. Cozinha superior e vinhos escolhidos. Grande salão de bilhares. Jogo da bola. Botes para passeio, etc., etc.

PREÇOS MODICOS

GERENTE — ISAAC ALVAREZ Y RODRIGUEZ

Endereço telegraphico-DERBY. Caixa de correio n.º 183. O Boud do Derby passa perto da Penida.



Livros ecdotes PERCIN & SILVA
PARA — R. Cons.º João Alfredo, 23

Lectura amena

Sortimento completo de livros de litteratura, direito, instrucção, etc

PREÇOS DE ESCRITORIO

Preços sem competencia
Endereço telegraphico Moderna

BRASIL-PORTUGAL

Nome commemerativo do 4.º centenario da Brasil

A venda na redacção do
"BRASIL-PORTUGAL"

Rua do Carmo, 15

Livros uteis e instructivos

EDICÖES DA EMPREZA EDITORA de F. Arthur da Silva — LISBOA

HISTORIA UNIVERSAL — C. Cantu — Desde a creação do mundo até a nossa epocha. Traducta por Mar del Bernardes Branco, 15 volume, in-4.º, gr. 2.ª edição, com 81 gravuras, br. 12.500
Em encad. intera. 14.500
OS ULTIMOS TRINTA ANOS 1868 a 1910 — C. Cantu — Versão pelo visconde de Castilho — in-8.º, com 213 pag. e retrato do autor, br. 1.900
Em encad. intera ou 1/2, inglez. 1.300
DICCIONARIO ENCYCLOPEDICO OU NOVO DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA — dr. José M. A. C. de La. — DICCIONARIO de synonymos e Vocabulario da lingua Brasileira, ou Popy — Vocabulario do Aleatico Guarany, 3 vol. in-4.º, 3.ª edição, com 2480 pag. enc. 13.500
HISTORIA DAS PERSEGUIÇÕES POLITICAS E RELIGIOSAS, occorridas em Hespanha e Portugal, desde a idade media até aos nossos dias — Verida do hospital por L. Triedyde, 3 vol. in-8.º, com 1124 pag. e 1 grav. br. 2.800
Em 1/2 encad. francez. 3.500



HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA (BRASIL) — do bustillo da Rocha Pitta — Desde o anno de 1500 até o de 1715 — Revista e anotada por J. Gomes Goes, in-8.º grande, 2.ª edição de luxo com 10 grav. e um mapa, broch. 1.800
Em 1/2, encad. fr. 2.500
ESENHA DAS FAMILIAS TITULARES E GRANDES DE PORTUGAL — Silveira Pinto e Visconde de Saucha de Barmas — 2 vol. in-4.º grande, com 1541 pag., edição de luxo, com gravuras de armas no texto, br. 16.500
Em 1/2, chagrin, capa especial. 10.500
O EXENHO FIDALGO DE QUOTE DI LA MANCHA — dr. Miguel del. arvenza Saavedra — Versão do Visconde de Bonalcanfor, 3 vol. in-8.º com 1.663 pag. com 31 grav. broch. 1.800
Em 1/2, encad. francez. 3.500
OS SETORES D'AFRICA — Alfredo Sarmento — Apontamentos de viagem, in-8.º com 12 grav. e 1 a ppha do Ambriz, br. 500
Em 1/2, encad. francez. 800

Remette-se franco de porte o catalogo illustrado.

Manteiga Burnay

Aviso aos entendedores e ás donas de casas



Para fazer Boa Cozinha
é preciso
boa manteiga pura

USE

Manteiga Burnay

A venda
em todas as principais
mercearias de Lisboa

AGENTE GERAL

JOÃO BASTOS JUNIOR

285, Rua dos Fanqueiros — LISBOA

DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS

João Luiz Fernandes & C.º — R. da Prata, 281 a 288, Lisboa.
Jeronymo Martins & F.º — R. Garrett, 13 e 15, Lisboa.
José Affonso Vianna & C.º — Largo Camões, 33 e 34, Lisboa.
R. D. de Campos — R. da Prata, 187 a 191, Lisboa.
Alves Diniz, Irmãos & C.º — R. S. Julião, 92 a 106, Lisboa.
Serr. Corrêa Saravia Lima — R. de S. Paulo, 121 e 123, Lisboa.

MARCENARIA DA BRASILEIRA

SUCIEDADE MARCA

PROTECTORA

UNICA CASA

FABRICA DE MOVELAS

RIO DE JANEIRO

PARCERIAS NA MOVELA CARVALHO & C.

Endereço: Telegrapho MARCENARIA

FABRICA: Rua de S. Christovão N° 129

DEPOSITO E ESCRITORIO: Rua da Constituição, N° 3

TELEPHONE N° 185

trabalhos da sua especialidade, sob desenhos e medidas, com a maior perfeição, elegancia e solidez; encarregando-se tambem de remetter para os Estados as encomendas acondicionadas com todas as cautellas.

A fabrica, bem como os seus depositos, são francos ao publico a quem convidamos a visitar para julgar com acerto dos progressos que a mesma tem alcançado na industria de marcenaria; ficando d'este modo os srs. consumidores, pelo aperfeiçoamento que os artefactos revelam, habilitados a julgar com segurança o que melhor lhes convenha antes de se munirem de moveis de outra procedencia.

N'ESTA grande e acreditada fabrica encontra-se uma collecção a mais completa e variada de moveis solidos e elegantemente construidos, das mais bellas e preciosas madeiras do paiz.

A fabrica, que sem contestação é uma das primeiras do nosso paiz, n'este genero encarrega-se da factura de mobílias completas, moveis avulsos ou quaesquer outros

BANCO
DA
PROVINCIA DO RIO GRANDE DO SUL



Fundado em 1858 em Porto Alegre, Capital do E. do Rio Grande do Sul

CAPITAL SUBSCRITO 5.000.000\$000

Capital realiado..... 2.600.000\$000
Fundo de reserva, em 30 de Junho 1899. 4.100.000\$000
Lucros suspensos e especiaes, idem.... 1.200.000\$000

Faz todas as operações bancarias, inclusive cambias, em sua sede e nas suas filiaes estabelecidas nas praças do Rio Grande e Pelotas, com os seus correspondentes em todas as praças da Confederação dos Estados Unidos do Brasil, do Paria e com os Paizes da Europa e America.

Directores

A. B. Torres, Manoel Carvalho da Costa, João Carlos Pinto



NOVOS RELOGIOS REMONTOIRS

Com mostradores luminosos nos quaes se vê as horas das escuras

Diplomas e medalhas: Exposições de Genova 1876, Bruxellas 1876, Paris, 1889

	Mostrador luminoso	Mostrador ordinario
1.º - Relógio Remontoir, mostrador luminoso, muito solido e elegante, caixa em aço, funcionando horariamente, reservado a poeira, excelente andamento, cylindro 6 rubis curvado, tamanho 18 linhas	38.000	12.000
2.º - Idem, com uma caixa forte em prata	58.000	15.000
3.º - Idem, em ouro	24.000	12.000
4.º - Relógio Remontoir, para senhora, 11 linhas, muito elegante, caixa em aço	45.000	2.000
5.º - Idem, em prata	68.000	30.000
6.º - Idem, em ouro	108.000	80.000
7.º - Relógio Remontoir, lunula, a la invitada, formando relógio e bousola ao mesmo tempo, mostrador luminoso, tendo no mostrador lunula gravada a carta geographica de Portugal e do Brasil, Africa, ou de outros, para facilitar a leitura inter-oeste e orientação, tamanho 18 linhas, excellent andamento, especialidade para militares, caçadores, viajantes, engenheiros, com caixa de nickel	58.000	—
Idem, em prata	28.000	—
Idem, em ouro	38.000	—

Para encomenda de 6 relógios faz-se o desconto de 10 %_. Expedição para Portugal contra vale do correio, incluindo de franquia, para o Brasil contra cheque bancario, incluindo de franquia.

Expede-se toda a qualidade de relógios por encomenda, sejam chronometros, com boletins de observatorio, chronographos, relógios de repetição com quartos e minutos, padometers, etc.

P. A. JOANNOT, FABRICANTE DE RELOGIOS

FUNDADO EM 1847

GENOVA (Suissa)

GARANTIA DA AMAZONIA

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Estado financeiro em 1 de Janeiro de 1900

Propostas recebidas para seguro até esta data... 70.263:000\$000

Seguros realizados em vigor	50.297:000\$000
Novos seguros propostos em 1899	24.451:000\$000
Seguros accellis em 1899	20.895:000\$000
Propostas para seguros recusadas em 1899	3.556:000\$000
Renda em 1899	3.428:548\$128

Reserva de re-seguro	2.601:265\$577
Sobras-Garantia supplementar	491:282\$804
Valor actual sobre o valor nominal de títulos e predios que possuem	300:000\$000
Sinistros pagos até esta data	1.028:000\$000

CONCLUINDO O SEU PARECER, DISSE O CONSELHO FISCAL:

“Estes algarismos que definem perfeitamente os factos que acabamos de frisar, fallam talvez mais alto e mais eloquentemente em abono da correccção, zelo e criterio com que a sociedade foi administrada do que qualquer outro encemio que aqui registraríamos.



E, referindo-se ao pagamento de sinistros, o Presidente chamou a attenção para o facto de que:

“Nenhuma reclamação dividamente feita estava por satisfazer na data em que se fechou o balanço”.

Sociedade de Seguros Mutuos Sobre a Vida

✧ GARANTIA DA AMAZONIA ✧

Faz mais negocio, tem mais seguros em vigor, tem os seus capitães mais bem empregados, possui maiores reservas e realisa maiores sobras annualmente do que qualquer companhia do mesmo genero.

Séde social

BELEM DO PARÁ-BRAZIL

JOSE SILVA & C.^A

Casa fundada em 1879

PREMIADA EM TODAS
AS EXPOSIÇÕES



CASA FILIAL

Rua Florencio d'Abreu, 31

S. PAULO



Casa matriz e fabrica

RUA DA'QUITANDA, 123 A

R. de S. Pedro,

31, 32 e 42

RIO DE JANEIRO



Casa matriz—RIO

Unico estabelecimento
no Rio de Janeiro com officinas
para fabrico
de arreios de qualquer qualidade



COUROS, ARREIOS E ARTIGOS
PARA VIAGEM



Importação de couros,
e de todos
os artigos para selleiros,
correeiros, segeiros
e sapateiros



Casa Fundada em 1886

JOSÉ MENDES LEITE & C.

DEPÓSITO DE INSTRUMENTOS DE MÚSICA

18, Rua 15 de Novembro, 18

Instrumentos de Musica

ou
Accessorios para os mesmos

NO GÊNERO

UNICA CASA DE CONFIANÇA

Especialidade
em cordões para violão,
taboas e violas

Endereço telegraphico

«Mendes»

Caixa no correio

N.º 488



Registrada por despacho da Ilustrissima Junta Commercial de 6 de Maio de 1897 sob o n.º 16.

Este estabelecimento, que é, no seu genero, o primeiro de todo o Estado do Pará e do Norte do Brasil, importa directamente todos os instrumentos de musica, de metal e de madeira, e encarrega-se de quaesquer encomendas.

O seu proprietario, José Mendes Leite, garante a qualidade, a solidez, perfeição e afinação normal de todos os instrumentos. Dirigir todos os pedidos a

José Mendes Leite & C.

Rua 15 de Novembro, n.º 18

PARA



COMPAGNIE
des Messageries Maritimes
Paquebots post français
LIGNE TRANSATLANTIQUE



Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres.
Para passageiros do 1.º classe veja-se com José Antônio dos Santos & C.ª, 4, Praça dos Remoladores.
Para carga, passageiros e todas as indicações, váia-se ao agente da Companhia, Rua Aurora, 31.
Pela Companhia des Messageries Maritimes
See. Torredas.

VINHOS DO PORTO
Marca registrada
Santos J.ª
Porto
1872

R. Pinto Santos Junior & Comp

Premiada com os primeiros prêmios em todas as exposições.

CESAR A. PAIVA
CIRURGEÃO DENTISTA
E
SUAS Magestades e Altezas
CONSULTÓRIO
R. do Arsenal, 100, 1.º
LISBOA

CERA MANUFACTURADA
Rua de Santa Martha, 112
ANTIGA CASA NOGUEIRA DE SOUSA
SUCESSOR
LUIZ MIGUEL FURTADO
Desempenha qu'quer encomenda
com promptidão tanto para o reino como ilhas
e Brasil

BILHARES ARTÍSTICOS PRIVILEGIADOS
Jácos guarnecidos com a celebre tabella SOVERAINE

Unico deposito em Portugal da celebre tabella SOVERAINE e de todas as da Casa Real — see a notia da casa ST. MARTIN, de Paris.

A maior fabrica de BILHARES do mundo
Grandes sortimentos de peças de 4 até 80 libras
Unicos de-onha e Portugal dos celebres pianos de F. WEBER, de Berlin.

ANTONIO J. P. SAMPAIO
Largo da Graça, 114, 115 e 116—Officinas—Traessa do Monte—LISBOA

JOÃO BASTOS & C.ª
COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES
LISBOA—Rua da Prata, 14, 1.º

COMPANHIA
PHENIX PERNAMBUCANA

(SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES)

FUNDADA EM 1870

DIRECTORIA **Dr. Manoel Gomes Matta**
Joaquim Dias Fernandes
Luiz Dupret

SÉDE: RECIFE—RUA DO COMMERCIO, 46

PERNAMBUCO

Ao Bazar da Industria

TAVEIRA BARBOZA & C.ª

L. CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 42—Caixa Postal n.º 487—BRASIL—PARÁ

Completo sortimento de artigos para escriptoria, papelarias, livros em bruto, chapéus, sarronzes, cordões para viúto. Escrúpulo. Caixa de musica. Boncos fútils, portomartins, brinquedos. Camas de viagem, bisnagas, artigos para presentes.

GRAND RAYON DE MEUBLES

O systema de vender tudo com pouco lucro é absoluto no Bazar da Industria

Vendas por atacado e a retalho

Atelier-Photo-Chimico-Graphico
P. MARINHO & C.ª—Rua de S. Paulo, 216, 2.º—LISBOA
NUMERO TELEPHONICO 825

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos.
Execução perfeita.

PROVAE OS DELICIOSOS
VINHOS DO PORTO
DE
Constançino Almeida



LA UNION Y EL PENIN ESPAÑOL
Capital social 1.000.000.000 REIS
De millores pagos desde 1885 até 1895
PENINSULA Y REUNION DE LOS OCEANOS
Regencia sobre navios, espedes de guerra
Equipos Alizague & Union Maritima
Companhia Transatlantica de Union Maritima
e de Union de Transatlantica de Union Maritima
LISBOA—Rua de Prata, 66, 1.º

LA BÉCARRE
F. CARNEIRO & C.ª
PAPELARIA E TYPOGRAPHIA
Grande sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros. Artigos para pintura. Pertences de escriptorio. Objectos artisticos para brinde. Trabalhos typographicos em todos os generos.
Rua Nova da Almada, 47 e 49—LISBOA.

HOTEL DURAND
English Hotel—Lisboa
1, Rua das Flores—Largo de Quinella
Este hotel, a partir mais central da cidade, oferece todas as comodidades de uma casa de primeira classe.

Salsa, Tayuyá e Mururé Beirão

Soberano depurativo do sangue

Approvada pela Illustrada Inspectoria de hygiene do Pará

Para doenças originarias do sangue viciado, diferentes manifestações da syphilis, rheumatismo, gotta, cancro, escrophulas, tumores, boubas, úlceras de mau caracter no collo do utero e garganta, inchação nas pernas, molestias da pelle, empigens, darrtos, escoriagias, granulações no rosto, vegetações e blenhorragias agudas ou chronicas, dores steocopas e neuralgias, inflammações visceraes de olhos, ouvidos, nariz, garganta e intestinos, e nas doenças determinadas por saturação mercurial.

A SALSA TAYUYÁ E MURURÉ

Demanda muito pouco resguardo e pôde ser usada sem que a pessoa interrompa suas occupaões; apenas se deve evitar as comidas salgadas e gordurosas e o uso de bebidas alcoolicas.

DEPOSITO — Drogeria Beirão

DE

Carvalho Leite & C.

103, RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 103

PARÁ



Agencia Financial

DE

PORTUGAL

Rua General Camara — RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da 'divida publica portugueza, fundada e amortizavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitães de districto e sedes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

V.^h WENCESLAU GUIMARAES & C.^a

Commissões e Consignações

IMPORTADORES DE VINHOS

Telegrammas

Wenceslau Rio

Caixa do correio

N.^o 272

R. General Camara. 17

RIO DE JANEIRO

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

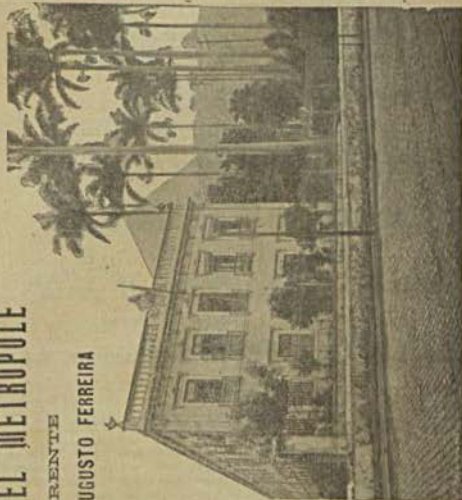
LISBOA — L. de Santo Antonio da Sé, 19

Emprestitos hypothecarios: em obrigações predias a longo praso — juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 %, de 10 e 60 annos. Empréstimos em conta corrente: a juro de 5 %, e commissão de 1/4 % de 1 a 9 annos. Depósitos: accitam-se a praso ou á ordem, vencendo a 1/4 % á ordem e 3 %, ao praso de 3 meses; 3 1/4 % a 6 e 4 1/2 % ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a praso. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.



ALBINO JOSÉ BAPTISTA — LISBOA — O Sr. de Rua Nova de Almeida tem sempre grande sortimento de chapéus para val ao chape, em todas as quantidades, assim como bengalas, leques, portafolhos e artigos de novidade. Esta casa é a primeira no seu genero em servir bem e por pouco dinheiro.

Nenhuma vizinhança deve deixar de visitar este estabelecimento em Lisboa.



GRANDE HOTEL METROPOLE

GERENTE

CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

O MAIOR da capital, construído de accordo com o clima do paiz e situado nas faldas do Corcovado. Possui todas as condições hygienicas e as mais confortaveis salas e aposentos para familias e cavalheiros.

181, Rua das Laranjeiras, 181

210 22 14-2110



VINHOS VELHOS

LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

Londres, 1862; Porto, 1865 e 1868; e 1874

ANTIGA CASA

PORTO João Eduardo dos Santos
 REGISTRADA FUNDADA EM 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuínos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca de commercio registrada de que uso.

À VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM
 JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR — Porto

Castro Matta & Irmão

CASA IMPORTADORA

Commissões e Consignações

Especialidade em vinhos e azeites
Portuguezes

ENDER. TELEGR. «Aida»

C. do Corrello 212

R. 15 de Novembro, 16

PARÁ

AGENCIA CENTRAL

DE

JOSÉ LOPES PEREIRA

Agente de leilões

Encarrega-se de vendas em leilão, de predios, titulos das dividas publicas, geracos e do Estado, terrenos, accões de Bancos e Companhias, Cambios, Hypothecas, etc., etc.; assim como recebe ordens para fazer leilões em casas commerciaes, particulares e em sua agencia

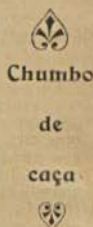
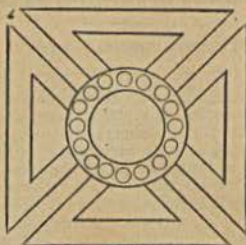
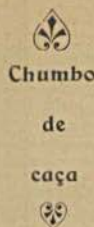
à Rua 13 de Maio, 71. PARÁ

(CARTO DA TRAVESSA CAMPOS SALLES)

Telephone n.º 340

Fabrica S. Gonçalo

E. DE ANDRADE & C.ª



QUALIDADE SUPERIOR

Dureza

Perfeição

Egualdade

O MELHOR QUE EXISTE NO MERCADO

Vendas por grosso e a varejo

Pedidos: CAIXA POSTAL 735

Ender. telegr. SATURNO — RIO

18, R. de S. Pedro, 18

RIO DE JANEIRO

Vinho VENTURA

O vinho VENTURA é expressamente preparado no PORTO

PARA

Montenegro Ferreira & C.ª

Successores da antiga casa

RICARDO JOSÉ DA CRUZ & C.ª

Fundada em 1830, e que tem a sua sede no

PARÁ, Boulevard da Republica, 44

FILIAL EM MANAOS

TONIFICA, NUTRE E REFRIGERA

Só os vinhedos de Alto Douro produzem a uva abençoada de que se extrae o Vinho Ventura, o unico que, com vantagem incontestavel, se applica no tratamento das anemias rebeldes e do lymphatismo, nas convalescenças, nas digestões difficilcs, enfraquecimentos, etc.

Como tónico está hoje reconhecida a efficacia do

Vinho VENTURA

CASA AVIADORA

Commissões e Consignações

HOTEL BRAGANÇA

Rua Entreparedes, 61. PORTO

Completamente restaurado e mobilado. Tratamento de primeira ordem, dispondo de 80 quartos independentes, com janellas muito confortaveis e hygienicos.

O Hotel Bragança, pela sua situação na cidade do Porto é o unico que convem aos viajantes com familias.

Pensão diaria 1:000 réis comprehendendo alimentação e vinho

O actual proprietario e gerente J. F. Marreiros convida todos os viajantes a installar-se no

HOTEL BRAGANÇA

Endereço telegraphico MAREIRO